

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE TEOLOGIA

LEONARDO HENRIQUE SIVA AGOSTINHO

**O CUIDADO COM A CRIAÇÃO NO MAGISTÉRIO DE FRANCISCO E O  
DIÁLOGO COM A SOCIEDADE**

SÃO PAULO

2023

**LEONARDO HENRIQUE SIVA AGOSTINHO**

**O CUIDADO COM A CRIAÇÃO NO MAGISTÉRIO DE FRANCISCO E O  
DIÁLOGO COM A SOCIEDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Lisboa Lustosa Lopes

SÃO PAULO

2023

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, fonte de paz, criador das coisas visíveis e invisíveis, que nos sustenta em sua bondade e que se revela em suas obras, chamando-nos à comunhão e à vida divina.

Aos Missionários do Sagrado Coração, minha família religiosa, pela possibilidade em estudar Teologia, preparando-me para o serviço a Deus na comunidade eclesial.

Ao professor Matthias Grenzer por ter me acompanhado na Iniciação Científica e por ter me apresentado o tema da ecoespiritualidade.

Ao professor Antônio de Lisboa Lustosa Lopes por me dirigir nesse trabalho, com sua diligência e atenção minuciosa. Orientando-me e corrigindo-me, mas, sobretudo me ensinando.

Aos professores André Boccato, Felipe Sobrinho e Gilvan Leite, por toda dedicação nestes anos e pelo incentivo aos estudos.

Aos meus pais e irmãs pelo apoio e carinho de sempre.

Aos amigos que caminham comigo e que partilham sonhos e ideais, principalmente na luta por um mundo mais humano, segundo os valores do Evangelho e do Reino.

“O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar.”

(LS 13)

## RESUMO

A degradação e a exploração da Casa Comum encontram-se num estado crítico. A mudança de consciência no modo de se relacionar com a Terra, deixando para trás a compreensão de que ela é um mero recurso a ser utilizado até o esgotamento, é uma das saídas. Francisco ao escrever a encíclica *Laudato Si* mostra-se preocupado com a crise ecológica e climática e convida os cristãos católicos a olharem com atenção suas atitudes em relação à Criação. Mas o Bispo de Roma não se dirige somente ao meio católico, seu objetivo é se comunicar com todas as pessoas de boa vontade, estabelecendo um diálogo capaz de superar as condições atuais do Planeta. Assim, o papa se inspira na figura do santo de Assis e abre-se à contribuição ortodoxa, estabelecendo um profícuo diálogo com Bartolomeu, o Patriarca Ecumênico. Francisco deseja superar a ideia de ambientalismo ou discurso verde e por isso almeja construir, em perene diálogo com a sociedade e com os diversos saberes e tradições, uma Ecologia Integral, capaz de uma abordagem social. Indica, deste modo, a Criação como dom de Deus a todas as pessoas e a todas as gerações, denunciando a exploração dos recursos naturais e o abuso contra os povos originários e o sofrimento dos mais pobres. Evidencia a Criação como reveladora de Deus e propõe uma conversão ecológica e uma ecoespiritualidade.

Palavras Chaves: Papa Francisco. Casa Comum. Criação. Ecoespiritualidade.

## ABSTRACT

The degradation and exploitation of the Common House are in a critical state. The change of consciousness in the way of relating to the Earth, leaving behind the understanding that it is a mere resource to be used until exhaustion, is one of the ways out. Francis, by writing the encyclical *Laudato Si*, is concerned about the ecological and climate crisis and invites Catholic Christians to look carefully at their attitudes towards Creation. But the Bishop of Rome does not address only the Catholic environment, his goal is to communicate with all people of good will, establishing a dialogue capable of overcoming the current conditions of the Planet. Thus, the pope is inspired by the figure of the saint of Assisi and opens himself to the orthodox contribution, establishing a fruitful dialogue with Bartholomew, the Ecumenical Patriarch. Francis wishes to overcome the idea of environmentalism or green discourse and therefore aims to build, in perennial dialogue with society and with the various knowledge and traditions, an Integral Ecology, capable of a social approach. He thus indicates Creation as a gift from God to all people and to all generations, announcing the exploitation of natural resources and the abuse against the original peoples and the suffering of the poorest. He evidences creation as a revealer of God and proposes an ecological conversion and an eco-spirituality.

Key words: Pope Francis. Common Home. Creation. Eco-spirituality.

## SIGLAS

ILSA	<i>Instrumentum Laboris para o Sínodo da Amazônia</i>
LS	<i>Laudato Si'</i>
QA	<i>Querida Amazônia</i>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>1. O CUIDADO COM A CRIAÇÃO NO PONTIFICADO E MAGISTÉRIO DE FRANCISCO.....</b>	<b>10</b>
1.1 O cuidado com a criação no início de seu pontificado.....	10
1.2 A Carta Encíclica <i>Laudato Si'</i> .....	11
1.3 O Sínodo para a Amazônia.....	15
1.4 O cuidado com a Criação nas mensagens do Papa Francisco.....	17
<b>2 A TRADIÇÃO BÍBLICA E OS CRISTÃOS ORTODOXOS NO CUIDADO COM A CRIAÇÃO.....</b>	<b>21</b>
2.1 Os cuidados expressos na Bíblia Hebraica.....	21
2.2 A visão dos orientais ortodoxos acerca da Criação e da crise ecológica.....	23
<b>3 A CRÍTICA AO ANTROPOCENO E A POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO COM OUTRAS CULTURAS, TRADIÇÕES E ÁREAS DO CONHECIMENTO ACERCA DO CUIDADO E DA PROTEÇÃO DA CASA COMUM.....</b>	<b>31</b>
3.1 A era do antropoceno e a destruição do Planeta.....	33
3.2 Do ambientalismo ou discurso verde à ecologia integral.....	38
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

A Casa Comum, isto é, o planeta Terra, vem sofrendo ataques violentos por parte dos seres humanos que a compreenderam como mero recurso e passaram a usufruir dela para satisfazer seus desejos. Esses ataques são a degradação e a exploração a que submetem a Criação. Contudo, não é apenas o planeta que sofre com esses ataques, toda a humanidade e os outros seres vivos já sentem os efeitos dessa lapidação desenfreada, em especial os mais pobres. Atento aos sinais dos tempos, Francisco escreve a encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado com a Casa Comum. Carta publicada em 2015, na qual o papa se dirige aos católicos, mas também a todas as pessoas de boa vontade, pois Francisco compreende que a proteção ao meio-ambiente é um dever de todos e é preciso que os grupos se unam em vista do cuidado e proteção do planeta.

O papa propõe uma conversão ecológica para superação da deterioração e exploração da Casa Comum. Uma conversão que contribua para a superação da cultura do descarte e da globalização da indiferença. Essa conversão encontra suas raízes numa espiritualidade ecológica, que contempla a Criação como dom de Deus e por meio da qual o Criador se manifesta aos seres humanos. Francisco constata ainda que os problemas ecológicos afetam a vida de muitos, em especial os pobres e marginalizados, por isso, propõe uma Ecologia Integral que perceba que tudo está interligado e que contemple as dimensões humanas e sociais.

Francisco, além de escrever a *Laudato Si'*, convocou um Sínodo para a Amazônia, do qual resulta a exortação apostólica *Querida Amazônia* e instituiu o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, a ser celebrado todo 01 de setembro, no qual escreve mensagens sobre o cuidado da criação. Essas iniciativas do Bispo de Roma demonstram sua preocupação pela Casa Comum e manifestam seu desejo de propor aos católicos um novo modo de se relacionar com a Terra. Contudo, não é apenas aos católicos que Francisco se dirige, seu desejo é congregar todas as pessoas de boa vontade na luta pelo cuidado do Planeta. Deste desejo brota um movimento de aproximação, primeiro com o cristianismo ortodoxo, depois com outros líderes e pensadores de diversos meios.

No que se refere aos cristãos ortodoxos, Francisco deixa claro a influência que recebe do Patriarca Bartolomeu. Percebe-se, pois, que essa aproximação dos dois líderes contribui para um diálogo sobre o cuidado com a Casa Comum e também os envolve numa busca comum e ecumênica. Também o líder anglicano, o Reverendo Justin Welby, se une a Francisco e a Bartolomeu nessa luta contra a exploração e degradação do planeta e na

denúncia das injustiças ecológicas. Diante de tal situação, o Patriarca Bartolomeu e a Igreja Ortodoxa de modo geral têm insistido com mais veemência na necessidade de os seres humanos assumirem seus pecados contra a criação, convidando-os ao arrependimento quanto aos maus tratos em relação a ela. O maltrato impiedoso e a destruição, segundo ele, é fruto de uma ganancia extrema, que entende a Terra como mero recurso.

Depois, no que diz respeito à aproximação com outros pensadores e líderes, é interessante notar que muitas são as vozes que tem se levantado acerca deste assunto. Mais interessante ainda é perceber que essas vozes convergem na denúncia da degradação e destruição do planeta e na constatação de que é preciso deixar para trás uma consciência de exploração e utilitarismo. Assim, é possível notar que tanto o Papa e o Patriarca Ecumênico, quanto outros líderes e autores reconhecem que na raiz da destruição da Terra está o mal do antropoceno. O antropoceno é o movimento que coloca o ser humano no centro e faz com que tudo seja visto como mero para a sua satisfação, em detrimento de outros seres vivos e grupos. Impera no antropoceno uma visão utilitarista e uma falsa ideia de desenvolvimento e progresso.

Por fim, a reflexão sobre ecologia, a constatação da exploração e degradação da Terra e a consciência de que é preciso mudar a relação com a Casa Comum orienta e conduz ao diálogo. Um diálogo entre Cristianismo ocidental e oriental e também do Cristianismo com outras religiões, grupos ou pensadores. Observando os vários escritos, se percebe a convergência na compreensão de que é preciso superar um “ambientalismo” ou “discurso verde” e compreender que a deterioração do planeta afeta os mais frágeis. Assim é preciso que ao tratar de ecologia se tenha uma abordagem social que reflita a vida dos povos, principalmente os que mais sofrem com a crise ecológica e climática.

# 1. O CUIDADO COM A CRIAÇÃO NO PONTIFICADO E MAGISTÉRIO DE FRANCISCO

## 1.1 O cuidado com a criação no início de seu pontificado

Em 24 de maio de 2015, terceiro ano de seu pontificado, o papa Francisco publicou sua segunda Encíclica, intitulada *Laudato Si'*. Nela expõe o tema acerca do cuidado com a Casa Comum e denuncia os abusos cometidos contra a Terra, afirmando que o planeta:

Clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. (2).

Com esta carta encíclica o Santo Padre traz com ênfase, para o meio católico, a reflexão acerca das questões ecológicas e a necessidade de cuidado com a Casa Comum, isto é, a Terra em sua totalidade. Contudo, no início de seu Ministério Petrino, ao escolher o nome Francisco, o santo padre manifesta ao mundo sua preocupação com a Criação, pois vê na figura do Santo de Assis um exemplo a ser seguido, principalmente na relação de Francisco de Assis com a criação, e se inspira nele para dedicar-se a falar do cuidado com a Casa Comum. Na ocasião, diante de autoridades religiosas e civis, Francisco afirmou que “guardar a criação inteira, a beleza da criação” é uma dimensão própria da humanidade e não diz respeito somente aos cristãos (FRANCISCO, 2013). Esse aspecto de cuidado com a criação se expressa como responsabilidade e é preciso entender que “quando não cuidamos da criação e dos irmãos, então encontra lugar a destruição e o coração fica ressequido. Infelizmente, em cada época da história, existem ‘Herodes’ que tramam desígnios de morte, destroem e deturpam o rosto do homem e da mulher.” (FRANCISCO, 2013).

O Santo Padre expressou-se em sua homilia, fazendo um apelo ao dizer:

Queria pedir, por favor, a quantos ocupam cargos de responsabilidade em âmbito econômico, político ou social, a todos os homens e mulheres de boa vontade: sejamos «guardiões» da criação, do desígnio de Deus inscrito na natureza, guardiões do outro, do ambiente; não deixemos que sinais de destruição e morte acompanhem o caminho deste nosso mundo! (FRANCISCO, 2013).

Leonardo Boff, teólogo que se preocupa e que se detém na temática sobre o cuidado com a Criação, escreveu que o cuidado com a Casa Comum:

Configura um modo de ser, uma relação nova para com a realidade, a Terra, a natureza e outro ser humano. [...] O cuidado é o oposto do paradigma da conquista. Tem a ver, como já dizíamos anteriormente, com gesto amoroso, acolhedor, respeitador do outro, da natureza e da Terra. Quem cuida não se coloca sobre o

outro, dominando-o, mas junto dele, convivendo, dando-lhe conforto e paz (BOFF, 2016, p. 101).

Percebe-se, pois, que Francisco, desde o início de seu pontificado quis, manifestar-se pedindo uma espécie de conversão ecológica e de cuidado para com a Criação, pois sabia que da destruição do planeta, dos ecos sistemas, da biodiversidade, decorre, logicamente a destruição do próprio ser humano.

## 1.2 A Carta Encíclica *Laudato Si'*

Publicada na solenidade de Pentecostes do ano de 2015, a Carta Encíclica *Laudato Si* aborda o tema do Cuidado da Casa Comum e marca o início de uma preocupação ecológica por parte do magistério pontifício, mesmo que outros pontífices tenham se manifesta sobre o tema, pois pela primeira vez o Cuidado com a Criação é abordado numa carta encíclica. Deste modo, *Laudato Si'* insere-se no magistério social da Igreja, como esclarece o próprio papa (LS 15)

De acordo com Leonardo Boff, esta obra de Francisco “se inscreve dentro da colegialidade, pois valoriza as contribuições de dezenas de conferências episcopais do mundo inteiro” (BOFF, 2016, p. 175). Ademais, cita várias vezes seus antecessores e pensadores católicos, ortodoxos, protestantes e muçulmanos. Comentando sobre a encíclica, Boff afirma que:

É a primeira vez que um papa aborda o tema da ecologia no sentido de uma ecologia integral (portanto, que vai além da ambiental) de forma tão completa. Grande surpresa: elabora o tema dentro do novo paradigma ecológico, coisa que nenhum documento oficial da ONU até hoje fez. (BOFF, 2016, 175).

Francisco denuncia a cultura do descarte, que rejeita a vida das pessoas e a vida dos outros seres, bem como a globalização da indiferença; ambas, cultura do descarte e globalização da indiferença, estão ligadas ao descuido e à exploração da Casa Comum, como esclarece o papa (LS 43). No primeiro capítulo, Francisco deixa claro que uma abordagem ecológica não pode ser confundida com um mero “discurso verde” nem como uma ecologia superficial.

Em um primeiro momento, Francisco aponta os escritos e falas de seus antecessores, mais especificamente Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI. Francisco também demonstra sua gratidão a Bartolomeu, Patriarca Ecumênico da Igreja Ortodoxa, que ofereceu contribuições ao pensamento exposto por Francisco na *Laudato Si'*. O Santo Padre relembra, também, a figura de Francisco de Assis, “modelo belo e motivador” que “é o exemplo por

excelência do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivida com alegria e autenticidade” (LS 10).

Francisco inicia a encíclica denunciando os maus tratos que a Casa Comum recebe e apontando que os seres humanos entenderam-se “proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la” (LS 1), o que explica tanta destruição e as mudanças climáticas atuais. Deste modo, Francisco vê e aponta os problemas ecológicos atuais, bem como percebe outros problemas interligados a isso, que afetam a vida dos pobres, dos excluídos e que expulsam pessoas de seus lugares, tornando-os migrantes que fogem “da miséria agravada pela degradação ambiental” (LS 25). Segundo Leonardo Boff, “a vontade de dominar para acumular e acumular para consumir de forma ilimitada criou o fosso perverso entre os poucos ricos e os muitos pobres: a injustiça social” (2016, p. 11), o que corrobora a posição do papa, que percebe a devastação ambiental como prejudicial aos pobres e aos povos nativos que têm uma relação profunda com a Terra.

As motivações do papa Francisco, bem como suas convicções, partem do pressuposto de que “tudo está interligado” (LS 91); assim, ele afirma: “tudo está inter-relacionado e o cuidado autêntico da nossa própria vida e das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade aos outros” (LS 70). Francisco sabe que o cuidado com a criação perpassa outros cuidados, como, por exemplo, com a vida de pessoas que vivem em áreas de risco e em áreas que se tornaram improdutivas. Nesse sentido, ele aponta para uma espiritualidade que, coerente com convicções da fé cristã, ofereça “motivações importantes para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis [...]. É bom, para a humanidade e para o mundo, que nós, crentes, conheçamos melhor os compromissos ecológicos que brotam das nossas convicções” (LS 64). Francisco chama a atenção para o fato de que a fé não é alienante, mas leva a assumir compromissos diante do sofrimento alheio e a assumir o compromisso de cuidar da Criação. Quando se fala de uma espiritualidade que contemple a natureza, não se trata de uma “divinização da terra”, mas trata-se de perceber a criação como o que ela é, ou seja, “um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado” (LS 76). Ainda mais, deve-se entender que “tudo é carícia de Deus” (LS 84) e que a criação “trata-se de uma contínua revelação do divino” (LS 85).

A espiritualidade que brota da contemplação da Criação não quer colocar no lugar de Deus as criaturas, mas louvar o Senhor que manifesta seu amor e sua grandeza na Criação. Da preservação da natureza depende a vida de muitos irmãos e irmãs; depende, aliás, a vida

das gerações futuras. Não se deve pensar que há assuntos santos e outros profanos. Como escreve o papa: “Jesus vivia em plena harmonia com a criação [...]. Não se apresentava como um asceta separado do mundo ou inimigo das coisas aprazíveis da vida” (LS 98). Mais adiante, Francisco lembra que “a espiritualidade não está desligada do próprio corpo nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia” (LS 216). Num artigo intitulado “A Mística de Terra”, Carlos Josaphat afirma que:

Um dos maiores riscos que vem correndo a espiritualidade, e mesmo o grande mal ocasionado por aqueles que a mal compreenderam, foi o desprezo ou menosprezo da Terra. Uma espécie de maniqueísmo rasteiro, um dualismo de baixo quilate, feito de restolhos do platonismo e do estoicismo, espalhou-se entre os profissionais da religião, da moral e da ascese. Opõe-se a Terra e o Céu, o corpo e o Espírito, o prazer e o dever, a liberdade e a lei, o amor humano e a caridade divina. (JOSAPHAT, 1996, p. 20).

Esta afirmativa corrobora a afirmação de Francisco de que “alguns cristãos, até comprometidos e piedosos, com o pretexto do realismo pragmático, frequentemente se burlam das preocupações pelo meio ambiente” (LS 217).

Aliás, a espiritualidade ecológica é uma espiritualidade que une sua voz à voz de toda a criação no louvor ao criador, pois como diz a oração eucarística III: “Tudo o que criastes proclama o vosso louvor” (Missal Romano). É preciso, então, buscar uma reconciliação com a Criação por meio de uma conversão ecológica, que brota de uma conversão interior. Segundo Elias Wolff e Suzana Terezinha Matiello:

A conjugação entre espiritualidade e ecologia é uma das maiores exigências atuais da humanidade em busca de sobrevivência. O ser humano é convidado a uma mudança de rota, saindo do comodismo e do consumo irresponsáveis, que a sociedade materialista impõe, para penetrar sempre mais na dinâmica de uma nova consciência cósmica, planetária, de uma fraternidade criatural entre tudo o que existe. (2020, p.15).

Francisco, como alguém que busca oferecer saídas à crise ecológica e à degradação ambiental convida ao reconhecimento de que na raiz desta crise está o ser humano, pois “há um modo desordenado de conceber a vida e a ação do ser humano, que contradiz a realidade até ao ponto de arruiná-la” (LS 101). Nesse sentido, segundo o papa, não é suficiente olhar e apontar a crise, a “degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição” (LS 11), mas é preciso apontar um novo caminho para o ser humano, um novo estilo de vida, que respeite e conserve a vida em todas as suas expressões. Assim, compreende-se o que Francisco almeja ao falar de uma crise antropocêntrica, pois o ser humano se viu centro do universo e detentor do poder, capaz de usufruir de tudo para seu bem

estar, sem se preocupar com uma relação sadia e harmoniosa com o todo da Criação. O ser humano entendeu-se senhor de tudo, mas agora deve passar à compreensão de que deve ser um administrador responsável, superando um estilo de vida desordenado, sanando primeiro as relações humanas, uma vez que “se a crise ecológica é uma expressão ou uma manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade, não podemos iludir-nos de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar todas as relações humanas fundamentais” (LS 119).

Seguindo a linha de que a deterioração ecológica segue, na verdade, uma deterioração ética e cultural, Francisco propõe uma ecologia integral, na qual sejam integradas as dimensões humanas e sociais, na certeza de que, quando se fala da natureza, deve-se lembrar que “estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos” (LS 139). Partindo novamente do pressuposto de que tudo está interligado, o santo padre afirma que “a análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, laborais, urbanos, e da relação de cada pessoa com si mesma, que gera um modo específico de se relacionar com os outros e com o meio ambiente” (LS 141). A ecologia integral, proposta por Francisco, tem uma perspectiva ampla, como ele mesmo afirma no número 159 da encíclica. Assim, o cuidado com a natureza, o cuidado com os pobres e os marginalizados, bem como com as futuras gerações estão conglomeradas nessa proposta. Esse cuidado, contudo, deve ser de superação do critério utilitarista, buscando superar o consumismo e o descarte, mas, ainda mais, buscando superar o estilo de vida irrefreável e insustentável que se projetou à custa da criação e dos marginalizados da História.

Por fim, Francisco apresenta algumas linhas de orientação e ação, partindo da constatação de que a raiz da degradação ambiental é profundamente causada pelos seres humanos, que desenvolveram um estilo de vida desenfreado, ritmado pela produção e pelo consumo, desembocando numa espiral de autodestruição. Assim, o objetivo do santo padre é indicar caminhos, mas também dialogar com quantos estiverem abertos a esta perspectiva, a fim de juntos, construírem uma possibilidade de saída dessa situação. Retomando uma vez mais, a ideia de que tudo está interligado, afirma que “a interdependência obriga-nos a pensar em um único mundo, em um projeto comum” (LS 164).

Deste modo, o Bispo de Roma indica que é preciso haver diálogo e construção de novas políticas nacionais e locais, superando o “drama de uma política focalizada nos resultados imediatos, apoiada também por populações consumistas” (LS 178). Assim, esperam-se projetos políticos que pensem no bem comum e estejam a serviço da vida, sem se

deixarem ditar pelos setores econômicos, ou seja, “uma política que pense com visão ampla e leve em frente uma reformulação integral, abrangendo em um diálogo interdisciplinar os vários aspectos da crise” (LS 197).

Consumir e destruir são os verbos que, hoje, têm marcado os rumos da sociedade. Deste modo, segundo o pensamento do papa Francisco, é preciso rever a ação e o estilo de vida que se segue. Assim, acredita-se fortemente no papel de uma espiritualidade ecológica, como já apresentada acima, e uma educação ecológica, que juntas apontem outro estilo de vida e novos hábitos, que renovem a humanidade, para que não continue a perdurar “o modelo consumista, transmitido pelos meios de comunicação social e através dos mecanismos eficazes do mercado” (LS 215).

### **1.3 O Sínodo para a Amazônia**

O papa Francisco, em 15 de outubro de 2017 convocou um Sínodo Especial para a Amazônia. Com isso, deu continuidade ao seu projeto de olhar com carinho e atenção a Casa Comum e as diversas situações que brotam da relação com esta. Iniciando o processo sinodal e as diversas escutas, próprias do caminhar sinodal, o santo padre visitou em 19 de janeiro de 2018 Puerto Maldonado, na Amazônia peruana. Na ocasião, o papa afirmou que aquela região era “um lugar que se deixa facilmente vender e explorar” (FRANCISCO, 2018), denunciando assim a cultura do descarte e do consumo, bem como a concepção de progresso baseado na exploração, que exclui o que não serve a seus interesses. Disse ele: “As florestas, os rios e as torrentes são aproveitados, utilizados até ao último recurso, e depois deixados como baldios e inúteis” (FRANCISCO, 2018).

O Santo Padre, olhando a realidade amazônica, saqueada e usada, aponta a destruição da natureza, mas também a das culturas e das pessoas que ali vivem. No caso de Puerto Maldonado denunciou a crueldade do tráfico de pessoas. Deste modo, retoma o que já havia lembrado na *Laudato Si'*, que tudo está interligado, e o cuidado com a preservação de determinado território incide na vida das pessoas, que muitas vezes são forçadas à migração. Assim, procura-se apresentar uma ecologia integral, para que não se transforme em “conservacionismo ecológico que se preocupa com o bioma, porém ignora os povos amazônicos” (ILSA 45).

O *Instrumentum Laboris* para o Sínodo da Amazônia afirmou, em sua introdução, que “a Amazônia clama por uma resposta concreta e reconciliadora” (ILSA 3), isso porque “a vida na Amazônia está ameaçada pela destruição e exploração ambiental, pela violação sistemática dos direitos humanos elementares da população amazônica” (ILSA 14). O sínodo,

respondendo ao convite do papa Francisco, que convoca o Sínodo, olha-se para a Amazônia, para sua biodiversidade, para sua fauna e flora, mas se olha também para a agressão cometida contra os povos que aí habitam, que se relacionam de modo saudável e afetuoso com a natureza, não vêm nela um recurso exploratório. Ademais, além da degradação ambiental, constata-se neste território o “extermínio de povos, culturas e gerações. Há quem se sinta forçado a sair de sua terra; muitas vezes caindo nas redes de máfias, do narcotráfico e do tráfico de pessoas (em as majorias mulheres), do trabalho e da prostituição infantil” (ILSA 23). De modo geral, o documento aponta o genocídio e o ecocídio, frutos de uma cultura do descarte, que visa à produção lucrativa, em prol do mercado e em nome do desenvolvimento.

Resultado do Sínodo foi a Exortação Apostólica *Querida Amazônia*, na qual o papa retomou aspectos importantes da *Laudato Si'* e reafirmou a necessidade de compreender que tudo está interligado. Assim, olhando o drama e o mistério deste vasto território, o santo padre aponta e denuncia a injustiça e o crime que aí se comentem, contra a natureza e contra os povos indígenas, ribeirinhos e afrodescendentes, pois “o corte de madeira e a indústria mineradora” (QA 9) os expulsa de suas terras e leva à “movimentos migratórios dos indígenas para as periferias das cidades” (QA 10). Acerca deste assunto, Agenor Brighenti e Stefano Raschieti afirmam e destacam que a:

Situação das migrações se faz particularmente preocupante nos limiares das fronteiras entre os países, “lugar por excelência do agravamento dos conflitos e das violências” (ILSA 129f.1), terra sem lei onde correm soltos o tráfico de drogas, o tráfico de pessoas, a exploração, o extrativismo, a corrupção etc. (BRIGHENTI; RASCHIETI, 2022, p.20).

Deste modo, junto com a devastação e a degradação da floresta ocorre um ataque grave dos direitos dos povos nativos, que tendo seus direitos violados são expostos a “novas escravidões que atingem especialmente as mulheres, a praga do narcotráfico que procura submeter os indígenas, ou o tráfico de pessoas que se aproveita daqueles que foram expulsos de seu contexto cultural” (QA 14). Evidencia-se na exortação apostólica que isso é fruto de uma visão colonizadora, pois a colonização “embora em muitos lugares se transforme, disfarce e dissimule, todavia não perde a sua prepotência contra a vida dos pobres e a fragilidade do meio ambiente” (QA 16). Essa colonização apresenta-se hoje sob as formas tecnocráticas, de produção e de um falso desenvolvimento que se pauta na cultura do descarte e do consumismo.

Há desafios ecológicos e sociais neste território que se entrelaçam e que precisam ser superados, pelo bem de todos, pois afetam a vida não só dos povos que ali vivem, mas de

todo o planeta. Respeitar esses povos é também reconhecer a beleza e o valor de suas culturas e de suas visões de mundo, “por isso, cuidar dos valores culturais dos grupos indígenas deveria ser interesse de todos, porque a sua riqueza é também a nossa” (QA 37).

#### **1.4 O cuidado com a Criação nas mensagens do Papa Francisco**

No dia 6 de agosto de 2015, ano de publicação da *Laudato Si'*, o papa Francisco instituiu o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, a ser celebrado todo dia primeiro de setembro. Na carta de instituição, o Santo Padre manifesta mais uma vez, como fez na *Laudato Si'*, sua proximidade ao Patriarca Ecumênico no desejo de promover o cuidado com o futuro da criação. Vale lembrar que na Igreja Ortodoxa este dia já é celebrado há tempos, desde 1989. De acordo com o papa, na ocasião:

Como cristãos, queremos oferecer a nossa contribuição para a superação da crise ecológica que a humanidade está vivendo. Por isso devemos, antes de tudo, buscar no nosso rico patrimônio espiritual as motivações que alimentam a paixão pelo cuidado da criação, lembrando sempre que para aqueles que crêem em Jesus Cristo, Verbo de Deus que se fez homem por nós, “a espiritualidade não está desligada do próprio corpo nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia”. A crise ecológica nos chama, portanto, a uma profunda conversão espiritual: os cristãos são chamados a uma “*conversão ecológica*, que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus”. De fato, “viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa”. (FRANCISCO, 2015)

Citando amplamente a *Laudato Si'*, Francisco chama a atenção uma vez mais, para o compromisso que brota do seguimento de Jesus Cristo para o cuidado com a Criação, dando ênfase à conversão ecológica, como resposta à crise que assola o mundo e incide na vida de todos.

Na primeira mensagem para este dia, no contexto do Ano Santo da Misericórdia, o santo padre convidou seus ouvintes/leitores a usar de misericórdia para com a Casa Comum. Em seu texto, esboçou um caminho, partindo do clamor da Terra, passando pelo reconhecimento de que pecamos, pelo exame de consciência e arrependimento, conduzindo ao desejo de mudar de rumo e aplicar uma nova obra de misericórdia, pois as obras de misericórdia destinam-se ao cuidado da vida humana em sua totalidade e:

Obviamente, a “vida humana na sua totalidade” inclui o cuidado da casa comum. Por isso, tomo a liberdade de propor um complemento aos dois elencos de sete obras de misericórdia, acrescentando a cada um o *cuidado da casa comum*. Como obra de misericórdia espiritual, o cuidado da casa comum requer “a grata contemplação do mundo”, que “nos permite descobrir qualquer ensinamento que Deus nos quer

transmitir através de cada coisa”. Como obra de misericórdia corporal, o cuidado da casa comum requer aqueles “simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo” e se manifesta o amor «em todas as ações que procuram construir um mundo melhor”. (FRANCISCO, 2017).

A segunda mensagem foi conjunta, Francisco a assinou juntamente com o Patriarca Ecumênico, Bartolomeu I. Até a presente data, o Santo Padre havia citado desde a publicação da *Laudato Si'*, os esforços e os escritos do Patriarca acerca do cuidado com a Casa Comum; desta vez, dando um passo maior no diálogo ecumênico e no desejo mútuo de cuidado com a criação, escrevem juntos, do Vaticano e do Fanar. Nesta mensagem conjunta, denunciam que:

A nossa tendência a romper os delicados e equilibrados ecossistemas do mundo, o desejo insaciável de manipular e controlar os limitados recursos do planeta, a avidez de retirar do mercado lucros ilimitados: tudo isto nos alienou do desígnio original da criação. Deixamos de respeitar a natureza como um dom compartilhado, considerando-a, ao invés, como posse privada. O nosso relacionamento com a natureza já não é para a sustentar, mas para a subjugar a fim de alimentar as nossas estruturas. (BARTOLOMEU; FRANCISCO, 2018).

Assim, o Papa e Patriarca tratam da vocação da humanidade como cooperadora de Deus no cuidado e proteção do meio ambiente, convidando à superação da mentalidade que imperou por anos, que via a natureza como um meio de sobrevivência.

Em 2018, o papa Francisco escreveu uma mensagem sobre a questão da água e manifestou sua gratidão a Deus pelo dom da Casa Comum, mas reconheceu que os seres humanos não souberam cuidar e proteger com responsabilidade a criação. Acerca da água, lembrou que todos têm direito de acesso à água potável e que este acesso está em consonância com a criação e com o desenvolvimento humano. De acordo com ele, “a água nos convida a refletir sobre as nossas origens. A maior parte do corpo é composta de água; e muitas civilizações, na história, surgiram nas proximidades de grandes cursos de água que marcaram sua identidade” (FRANCISCO, 2018).

A quarta mensagem, para o Dia Mundial de Oração pelo cuidado da Criação, em 2019, começa com a retomada bíblica de que “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom” (Gn 1,31), depois afirma que:

*Coisa boa* aos olhos de Deus, torna-se *coisa explorável* nas mãos humanas. A degradação aumentou nas últimas décadas: a poluição constante, o uso incessante de combustíveis fósseis, a exploração agrícola intensiva, a prática de abater as florestas... estão a elevar as temperaturas globais para níveis preocupantes. O aumento da intensidade e frequência de fenómenos meteorológicos extremos e a desertificação do solo estão a colocar à prova os mais vulneráveis entre nós. A dissolução dos glaciares, a escassez de água, o menosprezo das bacias hidrográficas e a considerável presença de plástico e microplástico nos oceanos são factos

igualmente preocupantes, que confirmam a urgência de intervenções não mais adiáveis. Criamos uma emergência climática, que ameaça gravemente a natureza e a vida, inclusive a nossa. (FRANCISCO, 2019).

Com esse trecho, Francisco denuncia o desejo da humanidade de se tornar Deus, de se fazer senhora da história, e consumir os bens da Casa Comum, esquecendo-se que tudo está interligado. Por isso, afirma na mensagem: “É hora de redescobrir a nossa vocação de filhos de Deus, irmãos entre nós, guardiões da criação. É tempo de arrepender-se e converter-se” (FRANCISCO, 2019).

Na mensagem de 2020, ano em que se completou 50 anos da promulgação do Dia da Terra, o Santo Padre salientou a iniciativa de celebrar o Tempo da Criação, que se estende do dia 01 de setembro até o dia 04 de outubro, sendo um período de celebração para várias denominações cristãs. Deste modo, celebrando o 50º aniversário do Dia da Terra, Francisco, baseando-se na Sagrada Escritura, lembrou que “o Jubileu é um tempo sagrado para recordar, regressar, repousar, restaurar e rejubilar” (FRANCISCO, 2020).

No ano de 2021, a mensagem para este dia contou com três assinaturas, a do Papa Francisco, a do Patriarca Ecumênico, Bartolomeu, e a do Arcebispo da Cantuária, Justin Welby. Vale lembrar que esta mensagem foi escrita no período da Pandemia da COVID-19 e os três líderes escreveram “que Temos que decidir que tipo de mundo queremos deixar às gerações vindouras. Deus ordena: “Escolhe, pois, a vida, para que vivas com a tua posteridade” (*Dt* 30, 19). Devemos escolher viver de maneira diferente; devemos escolher a vida.” (BARTOLOMEU; FRANCISCO; WELBY, 2021). De modo geral, a mensagem de 2021 chamou a atenção para o cuidado com a criação como cuidado, também, com as futuras gerações e com a população empobrecida, marginalizada e esquecida, que são as mais impactadas com as mudanças climáticas. A mensagem encerra-se afirmando:

Todos nós — quem quer que seja e onde quer que nos encontremos — podemos desempenhar um papel na modificação da nossa resposta coletiva à ameaça sem precedentes das mudanças climáticas e da degradação ambiental. Cuidar da criação de Deus é um mandato espiritual, que exige uma resposta de compromisso. (BARTOLOMEU; FRANCISCO; WELBY, 2021).

Cuidar da Criação é cuidar e garantir que todas as pessoas de hoje, e também das futuras gerações, tenham o direito de viver.

Na mensagem de 2022, o Santo Padre escreve sua mensagem a partir do Tempo da Criação, que é um movimento ecumênico que se dedica à propor reflexões e ações concretas ao cuidado com a Casa Comum. Nesta missiva o papa afirma que “se se aprende a escutá-la [a Criação], notamos uma espécie de dissonância na voz da criação. Por um lado, é

um canto doce que louva o nosso amado Criador; por outro, é um grito amargo que se lamenta dos nossos maus-tratos humanos” (FRANCISCO, 2022). Assim, as duas vozes que se elevam ensinam os seres humanos a primeiro, desenvolver uma espiritualidade ecológica, na qual é possível experimentar a contemplar Deus; depois, a segunda atitude é a de conversão, perante os abusos e destruição a que submetem a Terra. Nesta mensagem de 2022, citando a *Laudato Si'*, Francisco tratou do tema da Dívida Ecológica, chamando as nações que mais exploraram a cuidar e ajudar as nações que mais sofrem com os efeitos da crise climática (cf. LS 51).

## 2. A TRADIÇÃO BÍBLICA E OS CRISTÃOS ORTODOXOS NO CUIDADO COM A CRIAÇÃO

Por mais que o Papa Francisco seja visto como alguém que inaugura a questão ambiental e ecológica, na perspectiva espiritual e a estimule no campo da Teologia, é necessário lembrar e evidenciar os antecedentes e outras vozes que se levantaram acerca desse assunto no passado, longínquo ou mais recente. Nesse sentido, já na Bíblia Hebraica se pode perceber uma espécie de “preocupação ambiental”, ainda que não com a mesma conotação hodierna, que, colhendo a sabedoria de Israel, apresenta leis de preservação da fauna e da flora e se inspira na natureza, tomando exemplos e metáforas, para falar de relação com Deus e do louvor ao Senhor. Jesus Cristo, como narram os Evangelhos, utilizou de figuras da natureza para anunciar seu Evangelho. Aliás, Simone Weil (1909-194), mística e filósofa francesa, em um texto intitulado *O cristianismo e a vida nos campos*, diz que “Cristo teve motivos para dar a uma grande parte do seu ensinamento um aspecto tão claramente agrícola. Mas não pensamos nisso” (WEIL, 2020, p. 23).

São Francisco também se dedicou ao respeito por todas as criaturas e conseguiu inserir-se no louvor de toda a criação, como depois aparece na Teologia de São Boaventura. A Igreja no Brasil também vem se manifestando desde o século passado acerca disso, como outras Conferências Episcopais. Outra voz, nesse âmbito, tem sido a do Patriarca Ecumênico, Bartolomeu, o qual ofereceu contribuições precisas ao pensamento expresso na *Laudato Si'*. Isso tudo, conduz a crer que há uma longa tradição que se preocupava com a Casa Comum e que agora esse cuidado é retomado e assumido pelo Magistério com o Papa Francisco.

### 2.1. Os cuidados expressos na Bíblia Hebraica

Inicialmente, nota-se que a Criação foi vista e considerada por Deus como muito boa, segundo o relato de Gênesis 1, 31. Depois, há vários exemplos e uso de elementos da fauna e da flora para falar da relação com Deus. Por exemplo, o salmo primeiro fala do homem justo que é “como árvore plantada junto a riachos, dá seu fruto no tempo devido e suas folhas nunca vão murchar” (Sl 1, 3). Já o salmo 144 diz: “Sejam nossos filhos como plantas, crescidos desde a adolescência” (Sl 144, 12).

O salmo 80, por sua vez, utiliza a metáfora da videira para falar da história do Povo de Deus. Assim, eles se comparam a uma vinha que “lançando raízes, encheu a terra. Sua sombra cobria as montanhas, e seus ramos os cedros de Deus, ela estendia os sarmentos

até o mar, e até o rio seus rebentos” (Sl 80, 10-12). Muitos outros salmos partem do exemplo da natureza para falar do louvor ao Senhor. Acerca desses cânticos se pode afirmar que:

Trata-se de textos literário-religiosos que não contemplam o ser humano de forma isolada, mas em sua relação com Deus e, o que talvez seja surpreendente, em relação com os demais seres que lhe fazem companhia neste mundo. Assim, os Salmos visam ao mundo como a uma “casa comum”, no qual, em vista da sobrevivência de todos, existem importantes convivências e interdependências. (GRENZER; AGOSTINHO, 2021, p. 440).

Contudo, a relação do Povo de Israel com a natureza não é apenas de observação, mas demonstra-se em leis de cuidado para com a criação. Os professores, Matthias Grenzer e Fernando Gross, escrevem que:

Diversas leis no livro do *Deuteronômio* versam sobre a proteção de animais que, em determinado momento, se encontram numa situação exigente e/ou delicada, seja por causa dos trabalhos por eles realizados, seja por um acidente que lhes coloca a sobrevivência em risco. Para esses momentos, o legislador israelita parece prescrever uma postura que leva o homem a reconhecer determinados limites no que se refere à exploração da natureza. Embora as leis deuteronômicas não possam ser comparadas a um código moderno de proteção aos animais, aparentemente já existe nelas uma *ética de proteção aos animais* capaz de regularizar, numa direção protecionista, as relações entre o ser humano e os animais. (GRENZER; GROSS, p. 780).

Ao visitar o livro do *Deuteronômio*, fica evidente as leis de proteção, como por exemplo, a lei que aparece no capítulo 5, versículos de 12 a 15. Lê-se no trecho: “Guardarás o dia de sábado para santificá-lo, conforme ordenou o Senhor teu Deus. [...] Não fará nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu escravo, nem tua escrava, nem teu boi, nem teu jumento, nem qualquer dos teus animais [...]”. Acerca do descanso dos animais, isso já aparece no decálogo em Ex 20, 10.

Em Dt 22, 1-4 percebe-se a lei que convida a não ser indiferente ao animal que está perdido ou caído no caminho, diz o texto: “Se vês o boi ou a ovelha do teu irmão extraviados, não fiques indiferente a eles. Deves fazê-lo voltar ao teu irmão” (v.1) e “Se vês o asno ou o boi do teu irmão caído no caminho, não fiques indiferente: ajuda-o a pô-los em pé” (v. 4). Neste trecho, evidencia-se o cuidado que se deve ter para com o animal extraviado ou caído, aparecem aqui o boi, o asno e a ovelha. No trecho de *Deuteronômio* 22, 6-7 observa-se o mandamento de cuidado para com os pássaros: “Se pelo caminho encontras um ninho de pássaros – numa árvore ou no chão – com filhotes ou ovos e a mãe sobre os filhotes ou sobre os ovos, não tomará a mãe que está sobre os filhotes, deves primeiro deixar a mãe partir em liberdade, depois pegarás os filhotes [...]”. O legislador preocupa-se com a preservação destes animais e com a continuidade de sua existência. Em *Deuteronômio*, 22, 10 se proíbe o uso de animais diferentes no mesmo arado, proíbe-se, por exemplo, o emprego de um boi e um asno

(jumento), pois a diferença de tamanho levaria ao cansaço e ao desconforto de um dos animais. Por fim, no que diz respeito à proteção da fauna, há o trecho de Deuteronômio 25, no qual se encontra um versículo curto, mas que legisla em favor de um animal, a saber, o boi. Diz a sentença: “Não amordaçarás o boi que debulha o grão”. Entende-se aqui, que “o legislador deuteronômico, no entanto, proíbe tal prática, pois vê nisso uma dureza inadmissível em relação aos animais, uma vez que se impossibilita que eles comam, embora, constantemente, a ração esteja diante dos olhos deles” (GREENZER; GROSS, 2019, 785).

Também em relação à fauna o autor sagrado prevê algumas leis de proteção e preservação. Há duas leis referentes às árvores, uma que trata da proteção das árvores frutíferas durante o período de guerra e outra que fala sobre o respeito às plantações. Deste modo, em Deuteronômio 20, 19-20 se lê:

<sup>(19)</sup> Quando tiveres que sitiá-la durante muito tempo antes de atacá-la e tomá-la, não debes abater suas árvores a golpes de machado; alimentar-se ás dela, sem cortá-las: uma árvore do campo é por acaso um homem, para que a trates como um sitiado? <sup>(20)</sup> Contudo, se sabes que tal árvore não é frutífera, podes então cortá-la e talhá-la para fazer instrumentos de assédio contra a cidade que está guerreando contigo, até que a tenhas conquistado.

E em Deuteronômio 20, 6; 23, 25-26 e 24, 19-21, encontram-se as sentenças de respeito às plantações. Interessante notar que junto ao respeito pela plantação subjaz uma questão, do que chamaríamos hoje, de justiça social, por exemplo, em Dt 24, 19 se diz: “Quando estiver ceifando a colheita em teu campo e esqueceres um feixe, não voltes para pegá-lo: ele é do estrangeiro, do órfão e da viúva”.

Vale lembrar, ainda, que no judaísmo há um dia para celebrar o Ano Novo das árvores. Segundo o calendário judaico, a data é o 15º dia do mês de Shvat. Essa festividade se baseia em alguns trechos da Torá, que fazem aproximação entre as árvores e os seres humanos, lembrando o respeito que se deve ter para com elas e com toda a natureza. Em Deuteronômio 20, 19 se afirma que o homem é uma árvore do campo, no profeta Isaías 65, 22 se diz que “a duração da vida do meu povo será como os dias de uma árvore”.

## **2.2.A visão dos orientais ortodoxos acerca da Criação e da crise ecológica**

No início da *Laudato Si'* Francisco afirma que:

Não podemos ignorar que, também fora da Igreja Católica, noutras Igrejas e Comunidades Cristãs – bem como noutras religiões – se tem desenvolvido uma profunda preocupação e uma reflexão valiosa sobre estes temas que a todos nos são muito caros. Apenas para dar um exemplo particularmente significativo, quero

retomar brevemente parte da contribuição do amado Patriarca Ecumênico Bartolomeu, com quem partilhamos a esperança da plena comunhão eclesial (LS 7).

Deste modo, o santo padre reconhece as iniciativas de cuidado com a Criação por parte de outros grupos cristãos, em especial da Igreja Ortodoxa, sob a guia de Bartolomeu I. Francisco cita no número 8 e 9 da referida encíclica alguns ensinamentos pregados e defendidos pelo Patriarca. Este, por sua vez, chama os fiéis à consciência de assumir os pecados cometidos contra a criação e se arrepender das atitudes que maltratam o planeta, pois “na medida em que causamos danos ecológicos” contribuímos “- pequena ou grande – para a desfiguração e destruição do ambiente” (LS 8).

A preocupação com a crise ecológica manifesta-se como uma preocupação comum a Roma e a Constantinopla, isto é, à Igreja Católica e à Igreja Oriental. Através desse compromisso há uma aproximação ecumênica, principalmente na busca comum em denunciar as injustiças ecológicas e lutando pelo bem da Terra e de todos os povos, reconhecendo que até a atualidade “tratamo-la com violência, depredamo-la, arrancando dela tudo o que podemos para nosso benefício. E ainda a transformamos em imensa lixeira de nossos dejetos” (BOFF, 2016, p. 161). Vale destacar a Mensagem conjunta, assinada por Francisco, Bartolomeu e Justin Welby em 2021, na qual explicam que:

Esta é a primeira vez que nós três nos sentimos obrigados a enfrentar juntos a urgência da sustentabilidade ambiental, o seu impacto sobre a pobreza persistente e a importância da cooperação mundial. Juntos, em nome das nossas comunidades, dirigimo-nos ao coração e à mente de cada cristão, de cada crente e de cada pessoa de boa vontade. (BARTOLOMEU; FRANCISCO; JUSTIN WELBY, 2021).

A Igreja Ortodoxa, desde 1989, dedica o dia primeiro de setembro à Proteção ao Meio Ambiente. Isso foi uma iniciativa do Patriarca Dimitrios que, na primeira mensagem por ocasião deste dia, escreveu que o Trono da Ortodoxia observava com “grande ansiedade o maltrato impiedoso e a destruição do ambiente natural causados por seres humanos, com consequências extremamente perigosas para a própria sobrevivência do mundo natural criado por Deus” (DIMITRIOS, 1989).

Bartolomeu, atual Patriarca Ecumênico, tem se destacado pela luta em defesa da Criação. No ano de 2012, na Cúpula das Consciências, em Paris, Bartolomeu (2012) afirmou que “Nossa época está enfrentando um desafio único. Nunca, no passado, durante a longa história do nosso planeta, os homens e as mulheres se encontraram tão a ponto de destruir o próprio ambiente e a própria espécie”. Na ocasião, o Patriarca evidenciou a necessidade de uma ação ecumênica, entre Roma e Constantinopla, para que se unam num “empenho comum em favor da nossa casa comum, com a oração e com a ação” (BARTOLOMEU, 2012). Em

2015, numa entrevista sobre a Encíclica *Laudato Si'*, o Patriarca Ecumênico, ao ser questionado sobre sua referência pelo Papa, responde que não ficou surpreso, pois:

Não podemos falar de uma dupla ordem ou de uma dupla realidade na Criação, todas as Igrejas, todas as religiões e todas as disciplinas confessam a mesma verdade, isto é, que o mundo é um dom divino que todos nós estamos chamados a proteger e a preservar. Em terceiro lugar, a crise ecológica tem uma dimensão ecumênica: não se pode identificar uma instituição em particular e culpa-la pelo dano que temos provocado à Criação, e nenhuma instituição sozinha pode resolver a crise ecológica. (BARTOLOMEU, 2015).

Desta forma, o líder ortodoxo, percebe a necessidade de uma ação conjunta e ecumênica em favor da Casa Comum, escreve ele:

O que une as nossas duas Igrejas é muito mais que o que nos separa. Ambas devem ter presente este aspecto e comprometer-se com a unidade. Porém, muito mais além de nossas diferenças confessionais e doutrinárias, estamos unidos na terra que compartilhamos, na Criação que nos foi oferecida como dom precioso e frágil por nosso Criador. Em lugar de sugerir que a Igreja Ortodoxa e a Igreja Católica tenham decidido denunciar o impacto que a humanidade tem nas mudanças climáticas, fosse talvez mais correto e apropriado dizer que as nossas Igrejas se deram conta de que não podemos atuar de outra maneira, que “servir e preservar” a Criação de Deus é parte integral de nossa vocação como líderes de comunidades cristãs. Assim como, transformar a natureza em cultura comprometer-nos na justiça social do mundo. (BARTOLOMEU, 2015).

Comentando sobre a Encíclica *Laudato Si'* e sobre o aspecto econômico que dirige as ações do mundo em detrimento do desenvolvimento humano, o patriarca diz que “preocupar-se com o meio ambiente significa preocupar-se com os problemas humanos como a pobreza, a fome e o ser” (BARTOLOMEU, 2015). O Patriarca Ecumênico, assim como Francisco, percebe a íntima ligação entre o cuidado com a Criação e a atenção aos excluídos deste mundo e demonstra sua visão ao dizer, logo após citar o trecho da Divina Liturgia, que “devemos ser capazes de abraçar a todas as pessoas e a todas as coisas, não com medo ou por necessidade, mas com amor e alegria” (BARTOLOMEU, 2015).

Em 2004, por ocasião do Ano Novo Eclesiástico, que coincide com o dia dedicado à proteção do meio ambiente pelos ortodoxos, Bartolomeu iniciou sua reflexão baseando-se nos ensinamentos dos Santos Padres, que segundo ele, sempre insistiram na importância do exame de consciência. Depois, fazendo memória dos seminários propostos pela Igreja Ortodoxa de 1994 a 1998, afirmou que foi possível aprender que há uma “estreita conexão entre questões ambientais e educação, ética, comunicação, justiça e pobreza” (BARTOLOMEU, 2004). Na ocasião, tratando sobre a crise ecológica, afirmou que:

Não devemos ignorar uma realidade que está cada vez mais presente em nossas vidas. Gerações e culturas anteriores podem não ter tido consciência de suas ações. No entanto hoje, talvez mais do que em qualquer época, usufruímos de uma posição

ímpar. Hoje estamos em uma encruzilhada, estamos a ponto de escolher qual cruz iremos tomar. Pois hoje sabemos muito bem o impacto global e ecológico de nossas decisões e ações, por mais insignificantes ou irrelevantes que elas sejam. (BARTOLOMEU, 2004).

No ano de 2008, o Patriarca chamou a atenção ao dizer que “é chegado o momento para uma revisão profunda de nossa forma de pensar e de atuar neste mundo singular que Deus Onipotente legou à humanidade, com o mandato de “trabalhar e guardar” (conservar)” (BARTOLOMEU, 2008). Com essa afirmação mostrou que a humanidade não obteve êxito na missão de conservar o mundo, muito pelo contrário, pois, numa busca desenfreada, baseada num comportamento imprudente e avaro, segundo Bartolomeu, a humanidade vê a destruição do planeta e as radicais mudanças climáticas, que afetam a todos. Interessante notar que Bartolomeu, nesta mensagem, faz um apelo aos países ricos, para que colaborem com as regiões empobrecidas, reconhecendo assim a necessidade de colaboração mútua entre os povos e a obrigação de todos se empenharem na luta pela justiça social. Neste mesmo ano, Bartolomeu, escreveu à comunidade ortodoxa e salientou a interconexão dos ecossistemas e a relação entre mudanças climáticas, aquecimento global e a repercussão antropológica; motivou, ainda, o trabalho conjunto entre ciência e religião, por meio do qual contribuíram:

Para o desenvolvimento de uma ética ambiental que deverá assinalar que o uso do mundo e o aproveitamento dos bens materiais devem ser eucarísticos, isto é, acompanhado pela glorificação a Deus. Enquanto que, o abuso do mundo e a participação nele sem referência a Deus é pecaminosa; pecaminosa tanto ante o Criador e Deus, como ante a criação e o semelhante. (BARTOLOMEU, 2018).

Numa mensagem de 2009, publicada no Dia do Meio Ambiente, escreveu que era “chegado o momento de renovarmos a raiz do nosso modo habitual de pensar, e de reconsiderar os meios pelos quais interagimos com este mundo singular, único, que nos foi legado pelo Todo-Poderoso com a ordem de ‘Trabalhar e Proteger’.” (BARTOLOMEU, 2009). Assim, o Patriarca indicava uma necessária mudança e conversão na concepção da relação com a Terra e também com os outros seres e entre os próprios humanos, apontando para a necessidade de esforços conjuntos para a superação da degradação e exploração do Planeta. Já na mensagem para o dia do Ano Novo Eclesiástico desse mesmo ano Bartolomeu afirmou que “o progresso humano não se restringe simplesmente em acumular riqueza ou irrefletidamente consumir os recursos da terra” (2009). Deste modo, o Patriarca denuncia as visões que se baseiam num progresso que visa o lucro exclusivamente e o acúmulo de riquezas, em detrimento do planeta e gerando uma da miséria, à qual são submetidos muitos povos e regiões.

No ano seguinte, em 2010, Bartolomeu constatou, em sua mensagem para o Dia do Meio Ambiente, “que a causa fundamental do abuso e da destruição dos recursos naturais do mundo está na ganância e na tendência constante para a riqueza dos cidadãos das nações chamadas ‘desenvolvidas’” (BARTOLOMEU, 2010). Citando os Santos Padres e os Padres do Deserto do Sinai, o Patriarca chama a atenção para a necessidade de uma vida modesta, que não explora nem destrói o meio ambiente, que é comum à família humana e direito das gerações futuras. Na mensagem do Ano Novo Eclesiástico, definiu o meio ambiente “como divina criação e comum herança” (BARTOLOMEU, 2010), e conclui sua mensagem daquele ano conclamando:

A todos os irmãos e filhos amados no Senhor, à titânica, porém justa luta em favor da mitigação da crise ambiental, a fim de se evitar consequências ainda piores, tendo como fim último a harmonia de nossa forma de vida e pensamento – pessoal e comunitário – requerendo a manutenção, tanto dos ecossistemas naturais e de cada uma das espécies de fauna e flora, como de todo o universo como um todo indivisível. (BARTOLOMEU, 2010).

Em 2012, Bartolomeu escreveu acerca de “um abuso excessivo dos recursos naturais, resultando na destruição do equilíbrio ambiental dos ecossistemas do planeta e, em geral, das condições ecológicas, de modo que o ordenamento divino para a existência humana na terra é cada vez mais transgredido” (BARTOLOMEU, 2012). Afirmou que para uma restauração da criação faz-se necessária uma atitude de arrependimento ante o ato pecaminoso de destruir a natureza, principalmente em favor de uma cultura que visa o lucro financeiro. Esse arrependimento é necessário, pois:

A exploração ilimitada e insaciável dos recursos naturais da criação, que constitui a principal causa da destruição do meio ambiente natural, é - de acordo com o testemunho da teologia, da ciência e das artes - o resultado da queda do homem, isto é, da nossa desobediência ao mandamento do Senhor e da não conformação com a vontade de Deus. No entanto, a Igreja oferece o antídoto para a resolução de nossa crise ecológica, convidando a todos para a restauração da imagem divina à sua beleza antiga e original. A reabilitação da natureza caída do homem por meio do sopro do Espírito Santo e pela participação dos seus dons também restaura uma relação equilibrada entre a humanidade e a criação, que foi feita por Deus para nossa alegria e prazer, mas também para oferecer-nos a Ele como o seu Criador. (BARTOLOMEU, 2014).

No início do Ano Eclesiástico ortodoxo, em 2015, Bartolomeu escreveu em sua mensagem anual, baseando-se nos Padres da Igreja, sobre o consumismo. Afirmou que “oprimimos a natureza de tal forma que as mudanças climáticas e ambientais surjam de formas inesperadas e indesejada” e que “somos os destruidores da criação com a nossa ganância, com o nosso apego à terra, aos bens terrenos, que nos esforçamos continuamente a aumentar, como ‘o rico insensato’ do Evangelho” (BARTOLOMEU, 2015).

Todos os anos, por ocasião das festas de São Pedro, São Paulo e de Santo André, os líderes das duas Igrejas, Católica e Ortodoxa, enviam uma delegação e uma mensagem, por meio da qual fazem votos e manifestam suas orações e convicções. No ano de 2016, Bartolomeu escreveu a Francisco, e entre as saudações, agradeceu a referência feita na *Laudato Si* ao Patriarcado Ecumênico e comentou sobre os esforços e comuns que partilham e lembrou que estas iniciativas “manifestam e reforçam a nossa responsabilidade espiritual ante os desafios atuais para o bem do mundo cristão e de toda a humanidade” (BARTOLOMEU, 2016). O Patriarca evidenciou que:

Todo aquele que ama Deus com todo o coração, a mente e as forças (cf. Mc 12, 30) ama também a humanidade e se preocupa pela criação de Deus como casa abençoada da humanidade. O duplo “grande mandamento” do amor, sobre o qual “se fundam toda a lei e os Profetas” (cf Mt 22, 37.40-41) abraça também o cuidado pelo mundo criado. (BARTOLOMEU, 2016).

Bartolomeu expressa sua consciência de que o cuidado com a Criação é resposta ao mandamento do amor, deixado por Jesus Cristo.

Em 2018, no Simpósio Ecológico, Bartolomeu alertou, novamente, para as raízes espirituais e morais da crise ecológica. Na ocasião reafirmou que o interesse pelo Cuidado com a Criação, por parte do Patriarcado, emana essencialmente da fé que professam, pois a fé tem um papel vital e transformador. Este cuidado se manifesta e é compreendido como preservação da natureza e proteção de todas as pessoas. Com isso, evidencia-se a proximidade com o pensamento de Francisco; também quando afirma que “a crise ecológica revelou que o nosso mundo constitui um conjunto harmonioso, que os nossos problemas são universalmente compartilhados” (BARTOLOMEU, 2018), pois compreende que tudo está interligado.

Seguindo, o Patriarca Ecumênico afirma que:

Precisamos nos lembrar que a mudança climática é uma questão que está intimamente relacionada ao nosso modelo atual de desenvolvimento econômico. Uma economia que ignora os seres humanos e as necessidades humanas conduz inevitavelmente a uma exploração do ambiente natural. No entanto, continuamos a ameaçar a existência da humanidade e a esgotar os recursos da natureza em nome do lucro e benefício a curto prazo. (BARTOLOMEU, 2018).

Nota-se, portanto, o apontamento recíproco feito por ele e por Francisco, de que o modelo atual visa o lucro e não a vida das pessoas, ou seja, olha-se para a eficiência e para a produtividade, partindo de um critério utilitarista. Uma vez mais se manifestou a respeito da relação entre crise ecológica e a situação dos mais vulneráveis, afirmando que:

Preservar e proteger o meio ambiente natural, assim como respeitar e servir nossos semelhantes, são dois lados da mesma moeda. As consequências da crise ecológica – que afeta principalmente, e em primeiro lugar, os vulneráveis social e

economicamente – são uma séria ameaça à coesão e integração social. (...) Além disso, há um vínculo muito estreito entre cuidar da criação e adorar o criador, entre uma economia para os pobres e uma ecologia para o planeta (BARTOLOMEU, 2018).

Ao comemorar os trinta anos da instituição pela Igreja Ortodoxa do Dia de Proteção do Meio Ambiente, Bartolomeu, em sua mensagem anual, dirigiu-se não só aos ortodoxos e ao mundo cristão, mas a todos, ou seja, aos membros de outras religiões, líderes políticos e às pessoas de boa vontade. Fez isso, a fim de buscar a contribuição e cooperação no esforço de preservação e cuidado com o planeta, pois “a crise ecológica revela que o nosso mundo compreende um todo integral, que nossos problemas são globais e compartilhados. Para enfrentar esses desafios, precisamos de uma mobilização multifacetada, um acordo comum, direção e ação” (BARTOLOMEU, 2019). Nesta mesma mensagem o Patriarca explicou que o interesse da ortodoxia pelo cuidado com o meio ambiente não se manifesta como reação à crise ecológica atual, mas afirma que:

A base da preocupação sem limites da Igreja pelo meio ambiente natural está em sua identidade eclesiológica e teologia. Respeitar e cuidar da criação são uma dimensão da nossa fé, o conteúdo da nossa vida na Igreja e como Igreja. Respeitar e cuidar da criação constitui uma dimensão da nossa fé, o conteúdo da nossa vida na Igreja e como Igreja. A própria vida da Igreja é “uma ecologia vivida”, um aplicado respeito e cuidado pela criação e fonte de suas atividades ambientais. Em suma, o interesse da Igreja pela proteção do meio ambiente é extensão da Santa Eucaristia em todas as dimensões de sua relação com o mundo. (BARTOLOMEU, 2019).

Interessante notar que no ano de 2020 o Patriarca Ecumênico tratou em sua encíclica anual sobre o poder de destruição que o ser humano tem nas mãos, graças à ciência e à tecnologia. Bartolomeu não vê a ciência e a tecnologia como inimigas, mas compreende que podem ser usadas de modo equivocado, principalmente se estiver a serviço do mercado e da economia. Por isso afirmou que “não há progresso genuíno que se baseie na destruição do meio ambiente natural. É inconcebível que tomemos decisões econômicas sem levar em conta também suas consequências ecológicas. O desenvolvimento econômico não pode permanecer um pesadelo para a ecologia” (BARTOLOMEU, 2020). Na mensagem de 2021, Bartolomeu escreveu que:

A indiferença para com nossos irmãos sofredores e para com a destruição da criação ‘muito boa’ é uma ofensa a Deus e uma violação de seus mandamentos. Onde existe respeito para com a criação e amor tangível para com o homem, o ‘amado de Deus’, aí Deus está presente. (BARTOLOMEU, 2021).

Toda a teologia proposta por Bartolomeu se baseia na Teologia Ortodoxa e é embasada pelo pensamento da Igreja Ortodoxa. Bartolomeu, imerso nesse pensamento, coloca-se como porta voz da cultura e sabedoria do oriente cristão, que contribui ricamente

com a proteção da natureza e nos respeito à dignidade dos povos, como evidencia a última citação. Bartolomeu I se preocupa em salvaguardar a criação e estimular o respeito pela Terra, porque a compreende como dom de Deus e herança comum a todos. Sabe também que a crise ecológica afeta primeiramente os sofredores e marginalizados.

O teólogo Ioannis Zizioulas, que foi Metropolita de Pérgamo, no livro *A Criação como Eucaristia*, apresenta a visão da Teologia e da Igreja Ortodoxa acerca da criação e da necessidade de cuidados com o planeta, visto que a crise ecológica é, segundo ele, “um dos temas mais urgentes e críticos de nosso tempo” (ZIZIOULAS, 2001, p. 13). Partindo do pressuposto de que a teologia cristã ficou muito tempo calada a respeito desse assunto e que, por isso, é quase impossível desculpá-la, o metropolita compreende que a Teologia deve “oferecer uma contribuição construtiva para a solução do problema” (ZIZIOULAS, 2001, p. 14). Também ele compreende, assim como Bartolomeu e Francisco, que “a crise ecológica se nos afigura como uma crise de cultura: é uma crise que está ligada à perda de sacralidade da natureza na nossa cultura” (ZIZIOULAS, 2001, p. 77).

Em sua teologia, Zizioulas propõe que o ser humano passe de uma concepção utilitarista da Terra, que a sujeita e explora, para uma compreensão de que o ser humano “é outro com relação à natureza não se separando, mas colocando-se em relação com ela” (ZIZIOULAS, 2001, p. 72). Deste modo, o ser humano seria capaz de cuidar da criação e elevá-la à plenitude, através de suas mãos, oferecendo-a a Deus, numa dimensão eucarística e litúrgica. Segundo o autor, “o modelo que prevê o domínio do homem sobre a natureza, assim como se apresenta diariamente no *ethos* tecnológico, não está mais à altura de garantir a sobrevivência da criação realizada por Deus” (ZIZIOULAS, 2001, p. 78).

Com essa pequena apresentação do pensamento de Ioannis Zizioulas, que apresenta uma proposta teológica ao problema da crise ecológica, há a intenção de evidenciar como a Igreja Ortodoxa, de fato, foi pioneira neste estudo e abordagem, bem como entendeu a fé cristã como compromisso de cuidado com a vida em todas as suas manifestações, pois como diria Sergei Bulgakov: “Deus é amor, e a criação do mundo é obra do seu amor e de sua autorrevelação” (XAVIER; SILVA, 2020, p. 407).

### **3. A CRÍTICA AO ANTROPOCENO E A POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO COM OUTRAS CULTURAS, TRADIÇÕES E ÁREAS DO CONHECIMENTO ACERCA DO CUIDADO E DA PROTEÇÃO DA CASA COMUM.**

Diante da degradação e destruição da Casa Comum, bem como dos problemas que daí decorrem, principalmente para alguns povos e grupos, Francisco, o Bispo de Roma, levanta sua voz e anuncia ao mundo a necessidade de cuidar e proteger a Criação, pois dela depende a vida do ser humano de hoje e de amanhã e a vida de milhares de outros seres. Contudo, o olhar que se dispensa à Terra não deve ser um olhar utilitarista, como se ela fosse um mero recurso a ser explorado ou um bem que devesse ser protegido simplesmente porque *a nossa* sobrevivência depende dele, mas é preciso respeitá-la também pelo que ela é em si mesma. Ademais, é preciso reconhecer e evidenciar que Francisco não é o primeiro a se manifestar sobre isso. Bartolomeu, o Patriarca Ecumênico de Constantinopla, seguindo a proposta da Igreja Ortodoxa, que desde 1989 dedica um dia à oração e proteção do Meio Ambiente, como apresentado no segundo capítulo, dedica-se a falar sobre a necessidade de cuidado com o planeta.

Assim, o cristianismo católico e ortodoxo se empenha em tratar desse importante tema, clamando pelo cuidado com o planeta e exortando seus fiéis à uma tomada de consciência acerca do relacionamento com o Planeta. Entretanto, outras vozes também se levantam em prol da proteção do meio ambiente, denunciando as atrocidades que se cometem contra a natureza. Talvez, como indica Leonardo Boff, “o fato decisivo que vale enfatizar é que, finalmente, a humanidade acordou de seu sono dogmático de que os problemas da Terra seriam resolvidos pela própria Terra” (BOFF, 2017, p. 19). Nesse sentido, nota-se a possibilidade de um diálogo entre o cristianismo, em especial o Catolicismo com sua Teologia e Magistério atual, com as demais correntes e autores que se dedicam a este assunto. Por exemplo, no Brasil fulgura o nome de Ailton Krenak, líder indígena e filósofo originário, que em suas palestras e escritos denuncia o sistema de degradação ambiental, que atua em nome de um falso progresso. Em suas obras *A vida não é útil, Ideias para adiar o fim do mundo* e *Futuro Ancestral*, Krenak chama a atenção para o desconectar-se da Terra, vivenciado pelos seres humanos nos últimos séculos, como se a Terra fosse um organismo à parte, do qual os seres humanos não fazem parte nem precisam; fala de uma sociedade que foi alienando-se “desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade” (KRENAK, 2022, p. 16). Segundo ele, isso ocorre porque “estamos dopados por essa realidade nefasta de consumo e entretenimento” (KRENAK, 2020, p. 18), assim, esse distanciar-se da Terra é também um compreendê-la como artigo de compra

ou venda, já que “o mundo acredita que tudo é mercadoria, a ponto de projetar nela tudo o que somos capazes de experimentar. A experiência das pessoas em diferentes lugares do mundo se projeta na mercadoria” (KOPENAWA apud KRENAK, 2022, p. 45). Numa espécie de denúncia, o líder indígena afirma que “essa calamidade que nós estamos vivendo no planeta hoje pode apresentar a conta dela para o agro” (KRENAK, 2020, p. 23).

Outros filósofos, como Byung-Chul Han, também se colocam pensar e escrever sobre a relação com a Terra. Segundo ele “hoje, estamos a explorá-la (Terra) brutalmente, a leva-la ao exaurimento e, assim, destruí-la inteiramente” (HAN, 2021, p. 11). Seu desejo ao escrever sobre isso é que se compreenda que a Terra não é um mero recurso a ser explorado. Deste modo, Han diz que “é necessária uma consciência planetária. É lastimável que Terra seja, hoje, tão brutalmente explorada. Ela quase sangra até a morte” (HAN, 2021, p. 34). Em seu diário, no dia 17 de agosto de 2017, Han escreve: “Temos de preservar a Terra. Caso contrário, desmoronamos em nossa destruição” (2021, p. 198). Depois, num livro recente, o filósofo coreano retoma o tema, ao falar da contemplação, e afirma que:

Em vista das ameaçadoras catástrofes naturais, a “proteção do meio ambiente” é um conceito muito precário. É necessária uma relação radicalmente transformadora com a natureza. A Terra não é nenhum “recurso” com que teríamos de lidar de modo mais “sustentável” (HAN, 2023, p. 73).

Aliás, dois autores, Bruno Latour e Nikolaj Schultz, no livro *Memorando sobre a nova classe ecológica* dizem que na batalha para a proteção e cuidado com a Terra, é importante que “não nos esqueçamos de contar as religiões nessa enumeração” (LATOURE e SCHULTZ, 2023, p. 71), isto é, a dos grupos que lutam em prol do planeta e sua preservação. Chegam ainda a citar o nome de Francisco: “Acrescentemos então à nossa lista todos os que trabalham, ritual após ritual, para que o “Grito da Terra e dos Pobres”, retomando a bela expressão (ou melhor o grito!) do Papa Francisco, finalmente seja ouvido” (LATOURE e SCHULTZ, 2023, p. 72). Percebe-se que há um desejo mútuo de diálogo e colaboração, que alimenta e conduz à unidade em prol da Casa Comum. Na literatura aparecem, também, cada vez mais autores que se dedicam ao tema e que com sua escrita querem dizer ao mundo que “somos responsáveis por rios, oceanos, plantas, animais, por toda a gente. Somos responsáveis pelo mundo, na melhor e mais importante acepção da palavra responsabilidade. Somos responsáveis porque somos parte” (SECCHES, 2022, p. 7). Nomes como Itamar Vieira Junior, vencedor do prêmio Jabuti de 2020, e Olga Tokarczuk, Prêmio Nobel de Literatura 2018, trazem em seus livros a intrínseca relação entre o meio ambiente e os seres

humanos, denunciando os crimes contra a Criação e convidando a uma nova consciência para com o Planeta.

Esse possível diálogo é também desejo do santo padre que, como um apelo, diz que “o urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar” (LS 13). Assim, corrobora com o que foi dito pelo papa, também na *Laudato Si'*, no que se refere ao que ele chamou de solidariedade universal, já que “a humanidade é chamada a tomar consciência da necessidade de mudanças de estilos de vida, de produção e de consumo, para combater esse aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou acentuam” (LS 23). Francisco, no início do capítulo três, no número 63, diz:

Se tivermos presente a complexidade da crise ecológica e suas múltiplas causas, deveremos reconhecer que as soluções não podem vir de uma única maneira de interpretar e transformar a realidade. É necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade. Se quisermos, de verdade, construir uma ecologia que nos permita reparar tudo o que temos destruído então nenhum ramo da ciência e nenhuma forma de sabedoria pode ser preterida, nem sequer a sabedoria religiosa com a sua linguagem própria (LS 63).

Esse diálogo e essa cooperação mútua são necessários, pois, segundo Francisco, a crise ecológica está enraizada na crise da humanidade, “o modo desordenado de conceber a vida e a ação do ser humano, que contradiz a realidade até o ponto de arruiná-la” (LS 101).

Neste ponto da reflexão, vale a pena citar um líder budista, para que mais vozes possam ser ouvidas em relação a este tema. Deste modo, segundo Thich Nhat Hanh “a beleza da Terra é uma campanha de atenção consciente. Se você não consegue vê-la, deve se questionar por que” (2023, p. 19). O monge budista ainda diz que para interromper a destruição da Terra algo coletivo deve ser feito:

Não é algo que possa ser feito individualmente. Nós temos que despertar juntos. E, se acordamos juntos, então teremos uma chance. Nosso estilo de vida e forma de planejar o nosso futuro nos levou a esta situação. E agora precisamos contemplar profundamente para encontrar uma saída, não só enquanto indivíduos, mas enquanto uma coletividade, uma espécie. (HANH, 2023, p. 23).

O conteúdo do despertar, apresentado pelo mestre zen, pode ser aproximado ao que Francisco explica como compromissos que brotam das convicções da fé e que oferecem “motivações importantes para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs frágeis” (LS 64).

### **3.1 A era do antropoceno e a destruição do Planeta**

A raiz humana da crise ecológica, que se manifesta no modo de vida desordenado, que conduz à exploração e degradação do planeta, e que é evidenciada por Francisco no

capítulo três da *Laudato Si'* pode ser compreendida como a crise do antropocentrismo. Ela nos conduz à conclusão que “se o ser humano não redescobre o seu verdadeiro lugar, compreende-se mal a si mesmo e acaba por contradizer a sua própria realidade” (LS, 95). Essa crise, contudo, é fruto da própria ação humana e muitos autores a associam ao que se chama antropoceno. Leonardo Boff, em seu livro *Ética e Espiritualidade: Como cuidar da Casa Comum*, associa o antropoceno à uma espécie de doença, assim ele afirma que “todas as ameaças que enfrentamos comparecem como sintomas de uma doença crônica cultural e espiritual” (BOFF, 2017, p. 39).

Contudo, para além desse sentido empregado por Boff, há outras maneiras de compreender o antropoceno. Entretanto, quase todos os autores reconhecem a parcela de culpa do antropoceno na crise ambiental e climática. Assim, faz-se importante verificar o que se quer dizer quando se fala de antropoceno. Bruno Latour, em uma de suas oito conferências dedicadas ao tema, faz memória do 34º Congresso Geológico Internacional, no qual um grupo de pesquisadores reunidos definiria o nome para a época na qual vivemos. Citando a ata deste Congresso, Latour oferece uma grande informação, rica e válida, a saber: “O grupo de pesquisa considera no momento o Antropoceno como uma possível época geológica, ou seja, situada no mesmo nível hierárquico que o Pleistoceno e o Holoceno, o que implica que está localizado no Período Quaternário, mas que o Holoceno acabou” (LATOURE, 2020, p. 183). Latour ainda oferece outra informação: “Em geral estima-se o início do Antropoceno por volta de 1800, no começo da Revolução Industrial na Europa” (apud LATOUR, 2020, p. 184). Micheline Verunschik, num ensaio sobre o livro *A queda do céu*, explica que:

Antropoceno é o termo usado por parte da comunidade científica para indicar o período geológico mais recente do planeta, época ainda não datada oficialmente, mas estabelecida, ou aprofundada, no rastro da Revolução Industrial, quando as atividades humanas começam a impactar e deteriorar ecossistemas e clima em toda a Terra. É um conceito instável, que apresenta o risco, entre outros, da naturalização da ação humana e nem sempre leva em conta os agentes econômicos por trás dessa erosão do equilíbrio planetário. (VERUNSCHK, 2022, p. 76).

Ailton Krenak em *A vida não é útil* chega a afirmar que “temos que abandonar o antropocentrismo” (KRENAK, 2020, p. 81). O líder indígena traz, em seus escritos, uma sabedoria, própria de seu povo e que tem muito a contribuir com a discussão acerca do antropoceno e com o cuidado com o planeta. Em outro livro, *Ideias para adiar o fim do mundo*, ele associa ao antropoceno ao desastre vivido atualmente, contudo, segundo ele, o termo é usado por um grupo seletivo. Assim, ele entende que antropoceno é o que “a grande maioria está chamando de caos social, desgoverno geral, perda de qualidade no cotidiano, nas relações, e estamos todos jogados nesse abismo” (KRENAK, 2020, p. 72).

Em *Futuro Ancestral*, última compilação de escritos de Krenak, publicada em 2022, na qual, entre vários temas abordados, ele trata do desrespeito aos rios, escreve: “é preciso dizer, esses rios que invoco aqui estão sendo mutilados: cada um deles tem seu corpo lanhado por algum dano, seja pelo garimpo, pela mineração, pela apropriação indevida da paisagem” (KRENAK, 2022, p. 20). Importante citar esse trecho, porque para o líder e pensador indígena o antropoceno está na raiz da destruição da Terra, pois este sistema vê o Planeta como mercadoria, tornando-a flagelada, fraturada, picotada, barrada e sangrenta. De acordo com suas palavras, essa visão mercantil do planeta serve a uma economia estúpida. Desse modo, antropoceno para Ailton Krenak está associado ao conceito, também novo, de capitoloceno. Este termo, capitoloceno, expressa a certeza de que nos dias atuais é o capitalismo quem orienta e conduz.

Segundo Krenak, o conceito de antropoceno, além de estar ligado à serviço do mercado, está também associado à ideia de progresso, assim, “o tal do progresso vai comandando a gente, e seguimos no piloto automático, devorando o planeta com fúria” (KRENAK, 2022, p. 52.) Inclusive, na *Laudato Si'*, Francisco, também denuncia a visão distorcida de progresso, quando diz que “se a derrubada de uma floresta aumenta a produção, ninguém insere no respectivo cálculo a perda que implica desertificar um território, destruir a biodiversidade ou aumentar a poluição” (LS, 195). Contudo, essa busca e corrida pelo progresso destrói e dilacera o planeta e “o antropoceno está acumulando tanto lixo, tanto estrago, que deixou o mundo adoecido” (KRENAK, 2022, p. 85).

Outros autores, como Eileen Crist, criticam o uso do termo antropoceno, pois ele e a linguagem em torno de si, apenas reforçam a centralidade do ser humano. diz ela: “O próprio conceito de Antropoceno cristaliza o domínio da humanidade conduzindo o intelecto humano, que já estava disposto a ir naquela direção, a ver nossa identidade dominante como um destino manifesto, quase natural e até impressionante” (CRIST, 2022, p. 52). Segundo a autora:

Uma vida humana integrada só pode ser imaginada e criada numa perspectiva de profunda deferência ao mundo vivo. O discurso do Antropoceno não faz nenhum gesto nessa direção, optando, em vez disso, por recauchutar a rotina de autocuidado e autoadmiração humana” (CRIST, 2022, p. 56).

Como uma espécie de cura para o antropoceno, Ailton Krenak propõe a possibilidade de “experimentar outros mundos, que se abre para outras cosmovisões e consegue imaginar *pluriversos*” (KRENAK, 2022, p. 83). Assim, as diversas visões de mundo podem se afetar, no sentido de afetar pelo outro, pelo diferente, reconhecendo sua

intrínseca alteridade. Desse modo, compreendo que no mundo habita diversos “nós”, desconcerta a centralidade do humano” (KRENAK, 2022, p. 83).

Byung-Chul Han, em seu último livro publicado no Brasil, *Vita Contemplativa*, retoma alguns pontos de seu livro intitulado *Louvor a Terra*, publicado em 2022. Falando da sociedade em geral, mas também da relação dos indivíduos com o meio ambiente, este autor apresenta um problema sério dos dias atuais: a incapacidade de ouvir e a inaptidão para o silêncio. Assim, ele afirma que “só o silêncio nos torna capazes de ouvir algo inaudito” (HAN, 2023, p. 38). Essa, entretanto, não é a primeira vez que o filósofo escreve sobre a necessidade do silêncio e a incapacidade da escuta, bem como dos problemas decorrentes disso. Em *A expulsão do outro*, ele escreve que “a hipercomunicação atual reprime o livre-espaço do silêncio e da solidão (HAN, 2022, p. 108), depois assegura que “hoje perdemos cada vez mais a capacidade de escuta” (HAN, 2022, p. 123). No livro *Infocracia* ele escreve que hoje, os diversos grupos, encarcerados em infobolhas, “não escutam o outro, não escutam mutuamente. O discurso, contudo, é uma práxis da escuta atenta. A crise da democracia é, antes de mais nada, uma crise da escuta atenta” (HAN, 2022, p. 53). Para ele essa crise da escuta é fruto de um processo de narcisização cada vez mais crescente. Já em *Não-coisas* ele esclarece que “Ninguém escuta. Todos se reproduzem a si mesmos. O silêncio não produz nada. É por isso que o capitalismo não ama o silêncio” (HAN, 2023, p. 137).

No já citado *Vita Contemplativa*, Byung-Chul Han assevera categoricamente que “a salvação da Terra depende de se estaremos ou não em condições de escutar a Terra” (HAN, 2023, p. 85). Chega a essa conclusão analisando a relação do ser humano com a natureza, observando como aquele submeteu essa às suas vontades. Ademais, compreende que “ele [ser humano] desencadeia, assim, processos que não ocorreriam sem sua intervenção e que levam à total perda de controle” (HAN, 2023, p. 58). Neste momento, Han também lança mão do conceito de antropoceno, dizendo que:

O antropoceno é o resultado da submissão total da natureza à ação humana. A natureza perde toda autonomia e dignidade. Ela é degradada a um componente, a um anexo da história humana. (...) O antropoceno marca exatamente o momento histórico no qual a natureza é inteiramente absorvida pela ação humana (HAN, 2023, p. 59).

Não se trata, contudo, de uma submissão da natureza, mas de uma dominação do ser humano, que a vê como mercadoria e meio para alcançar o progresso. Corrigindo o conceito de catástrofe, afirma que “catastrófica não é irrupção de um acontecimento inesperado, mas a continuidade do seguir-assim, a repetição contínua do igual” (HAN, 2023, p. 61). Byung-Chul Han alerta, pois, que a verdadeira catástrofe seria continuar destruindo o

planeta, usando-o como meio para satisfazer as vontades do ser humano. Assim, ele observa que “em vista das ameaçadoras catástrofes naturais, a ‘proteção ao meio ambiente’ é um conceito muito precário. É necessária uma relação radicalmente transformadora com a natureza. A Terra não é nenhum ‘recurso’ com que teríamos de lidar de modo mais ‘sustentável’” (HAN, 2023, p. 73). Nesta última afirmação, como em outros momentos, Byung-Chul Han aproxima-se do pensamento de Ailton Krenak, pois este diz que a sustentabilidade é um mito, “inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza” (KRENAK, 2022, p. 16).

Essa nova relação com a natureza, apontada por Byung-Chul Han, relação essa que compreende que o planeta não é nenhum recurso, pode ser alcançada na compreensão de que tudo está interligado, como repetiu diversas vezes o Papa Francisco na *Laudato Si'*. Sem essa convicção “difícilmente se saberá escutar os gritos da própria natureza. Se o ser humano se declara autônomo da realidade e se constitui dominador, desmorona-se a própria base da sua existência” (LS 117). Mais adiante, Francisco considera que ao falar de meio ambiente, “fazemos referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isso nos impede de considerar a natureza como algo separado da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos” (LS 139).

Leonardo Boff também lembra que é preciso compreender que os seres humanos fazem parte da Terra. Diz ele: “nós não estamos fora nem acima da Terra viva. Somos parte dela, junto com os demais seres que ela também gerou” (BOFF, 2016, p. 47). Assim, o teólogo chama a atenção para o fato de que tudo está interligado, os seres humanos não são melhores do que os outros seres, mas vivem conjuntamente. Próximo ao pensamento de Ailton Krenak, Boff afirma que “temos que reconhecer nosso erro: o de termos nos afastado dela e nos exilando, esquecendo que somos Terra, que ela é o único lar que possuímos e que nossa missão é cuidar dela” (BOFF, 2016, p. 129). Esse afastar-se da Terra, como parte dela, é fruto do antropoceno, que como sugere o nome, é “uma era marcada pela fascinação dos seres humanos por si mesmo, numa miopia narcísica que os impede de se reconhecerem como parte do todo” (MADALOSSO, 2022, p. 19).

Ademais, na luta contra a visão utilitarista da sociedade, que explora o planeta, transformando-o em mercadoria, é preciso mudar a consciência e “se livrar das armadilhas da produção” (LATOUR E SCHULTZ, 2022, p. 65). Pois, certo modo de compreender a produção está atrelada a uma falsa ideia de desenvolvimento e progresso, que destrói e devasta. O antropoceno, pois, está ligado a essa visão de mundo, pois é no período que ele

nomeia, que “o sistema de produção tornou-se sinônimo de sistema de destruição” (LATOUR E SCHULTZ, 2022, p. 27). Frente ao desejo de produção e crescimento Bruno Latour e Nikolaj Schultz indicam que é preciso aprender a desacelerar, pois em nome do progresso se causou tanto mal ao planeta e aos seres, com o desejo de acumular e consumir. É preciso lembrar que o “modo de produção capitalista, que escraviza, tortura e assassina outros seres numa escala industrial inimaginável, os comercializa como alimento e outros produtos” (VIEIRA JUNIOR, 2022, p. 26).

### **3.2 Do ambientalismo ou discurso verde à ecologia integral**

Francisco, na *Laudato Si'*, lembra que a deterioração do planeta afeta, de modo especial, os mais frágeis, ou seja, os excluídos. Cita, para corroborar com sua explanação, um trecho de uma Carta Pastoral da Conferência Episcopal da Bolívia, que afirma que “todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres” (LS 48). Com isso, o papa denuncia o que chama de discurso verde, evidenciando que “não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS 49). Na encíclica sobre o cuidado com a Casa Comum evidencia-se, também, que “cresce uma ecologia superficial ou aparente que consolida certo torpor e uma alegre irresponsabilidade” (LS 59).

Também na Exortação Apostólica *Querida Amazônia*, o papa, recolhendo as impressões sinodais, fala de um sonho social, citando inclusive o número 49 da *Laudato Si'* e afirmando que “não serve um conservacionismo que se preocupa com o bioma, porém ignora os povos amazônicos” (QA 8). Mas adiante no documento, Francisco trata da expulsão e do movimento migratório que ocorre entre os povos indígenas, que são encurralados por interesses colonizadores, pois como afirma o papa “a colonização não para; embora em muitos lugares se transforme, disfarce e dissimule, todavia não perde a sua prepotência contra a vida dos pobres e a fragilidade do meio ambiente” (QA 16).

Uma vez mais, o magistério de Francisco se aproxima da visão de outros autores, possibilitando o diálogo e a soma de forças nos objetivos, já que sua proposta é de uma “ecologia integral, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais” (LS 137). Deste modo, Malcom Ferdinand, ambientalista martiniquense, escreveu o livro *Uma ecologia decolonial: Pensar a partir do mundo caribenho*, pelo qual recebeu o *Prix du Livre de la Fondation de l'Écologie Politique* em 2019. Sobre est livro e sobre o autor, Itamar Vieira

Junior, em sua coluna semanal, escreveu que “para Malcom Ferdinand, preservação ambiental que exclui pessoas pobres e racializadas atualiza colonialismo” (VIEIRA JUNIOR, 2023).

Naquele seu livro, Malcom Ferdinand afirma que “as destruições ambientais não atingem todo mundo da mesma maneira, tampouco apagam as destruições sociais e políticas já em curso” (FERDINAND, 2022, p. 22). Evidencia, também, que existe uma distância “entre os movimentos ambientais e ecologistas, de um lado, e os movimentos pós-coloniais e antirracistas, de outro” (FERDINAND, 2022, p. 23). Deste modo, desenvolvendo seu pensamento de que uns são mais afetados pela crise ecológica do que outros e de que há uma dualidade no modo de encarar o movimento ecológico, Ferdinand versa, então, sobre o que chama de ambientalismo, um movimento que tem uma genealogia apolítica da ecologia. Assim, ambientalismo pode ser aproximado ao conceito de “discurso verde” mencionado por Francisco, no qual a ecologia é desassociada da abordagem social e alheia à desigualdade planetária. Segundo Malcom Ferdinand, ambientalismo é o conjunto dos movimentos e correntes de pensamento que agem “sem questionar as injustiças sociais, as discriminações de gênero e as dominações políticas ou a hierarquia dos meios de vida” (FERDINAND, 2022, p. 25).

O autor continua seu raciocínio explanando os danos causados por testes nucleares em terras colonizadas. De acordo com ele os testes nucleares são minimizados, assim como a exploração do subsolo das terras aborígenes. Percebe-se que no centro das questões ecológicas raramente se encontra posições decoloniais. Isso ocorre, talvez, porque a “intervenção humana está muitas vezes a serviço do sistema financeiro e do consumismo” (LS 34). Acerca dessa dissociação entre pensamento ecológico e colonialismo, Ferdinand afirma que “ao deixar de lado a questão colonial, os ecologistas negligenciam o fato de que as colonizações históricas, bem como o racismo estrutural contemporâneo, estão no centro das maneiras destrutivas de habitar a Terra” (FERDINAND, 2022, p. 33).

É importante, então, que as lutas contra o aquecimento global, a poluição e degradação da terra estejam atentas às lutas políticas, epistêmicas, científicas, jurídicas e filosóficas, “visando desfazer as estruturas coloniais” (FERDINAND, 2022, p. 34). Caso contrário, será apenas mero “ambientalismo” ou “discurso verde”, sem aplicação social e desconsiderando os dramas de povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas e a população que habita em áreas de risco. Isso porque, de acordo com o Papa Francisco, dirigindo-se aos católicos:

Somos chamados a ser guardiões uns dos outros, a construir laços de concórdia e partilha, a curar as feridas da criação para que não seja destruída a sua beleza. Em suma, tornamo-nos uma família na maravilhosa casa comum da criação, na variedade harmoniosa dos seus elementos (FRANCISCO, 2022).

Na Mensagem de 2023 para o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, Francisco faz um convite à comunidade católica: “Ouçamos, pois, o apelo a permanecer ao lado das vítimas da injustiça ambiental e climática, pondo fim a esta guerra insensata contra a criação” (FRANCISCO, 2023). Fica claro e evidente a preocupação social de Francisco ao abordar o tema ecológico e propor mudanças no estilo de vida, em prol do planeta e dos irmãos e irmãs mais frágeis.

Malcom Ferdinand chama a atenção para o estrago provocado pelo colonialismo e pelo imperialismo, ou seja, a devastação de áreas para a produção e a exploração dos negros, indígenas e aborígenes em prol do progresso econômico. Segundo ele “humanos e não humanos foram confundidos com recursos que alimentavam um mesmo projeto colonial, uma mesma concepção de Terra e do mundo” (FERDINAND, 2022, p. 47). Ademais, é preciso compreender que a colonização europeia nas Américas, para dar um exemplo, levou à destruição dos ecossistemas e à perda da biodiversidade. Assim, “as catástrofes ditas naturais são, sobretudo, resultado de certas maneiras de habitar a terra, de construções sociais, de modelos econômicos, de escolhas políticas que aumentam as desigualdades e exacerbam as relações de poder” (FERDINAND, 2022, p. 87). Ou seja, a degradação ambiental, que afeta os mais vulneráveis, isto é, os que são afetados pela desigualdade social, é fruto de um processo colonizador e imperialista, que serviu ao discurso da produção e do progresso, bem como esteve a serviço do capital. Esse processo fulgura no período do antropoceno, “na qual as atividades dos humanos se tornam uma força maior que afeta de forma duradoura os ecossistemas da Terra” (FERDINAND, 2022, p. 24).

Como resposta e solução à crise ambiental, que está atrelada ao consumismo e ao desejo de produção e desenvolvimento - à custa do planeta e do sofrimento de grupos étnicos que sofrem com a devastação -, Malcom Ferdinand propõe o que chama de “aquilombamento”, evidenciando que “diante de um habitar colonial devorador de mundo, os quilombolas colocaram em prática outra maneira de viver junto e de se relacionar com a Terra” (FERDINAND, 2022, p. 168). Para ele, os quilombos são comunidades humanas e não humanas que escapam do habitar colonial da escravidão; vale informar que por não humanas o autor se refere à fauna e à flora. Aqui, Ferdinand dialoga com Ailton Krenak que afirma que:

Os povos originários ainda estão presentes no mundo não porque foram excluídos, mas porque escaparam, é interessante lembrar isso. Em várias regiões do planeta, resistiram com toda força e coragem para não serem completamente engolfados por esse mundo utilitário” (KRENAK, 2020, p. 111).

Krenak afirma (2022) que a sociedade não deveria voltar ao ritmo antigo (falando durante o período de pandemia), pois no ritmo frenético, os seres humanos perdem-se em meio ao tumulto das informações e não consegue ouvir o que realmente importe, pois está envolto em ruídos. Não consegue, pois, ouvir o grito da Terra e dos pobres, não consegue compreender que ou se abandona o ritmo acelerado e consumista ou a terra e todos perecerão. Como diria Bruno Latour e Nikolaj Schultz é preciso desacelerar:

Voltar a tecer um novo vínculo com os povos autóctones – afinal, um quarto de bilhão de habitantes! – que souberam resistir mais ou menos violentamente à influência do ‘desenvolvimento’ (...). A lição é amarga, mas são os antigos ‘selvagens’ que precisam ensinar aos novos como resistir à modernização (LATOURE; SCHULTZ, 2023, p. 67).

Na linha do processo de aquilombamento e do desacelerar, encontra-se a proposta do bem viver, apresentada por Alberto Acosta no livro *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Neste livro ele afirma que:

O bem viver supera o tradicional conceito de desenvolvimento e seus múltiplos sinônimos, introduzindo uma visão muito mais diversificada e, certamente, complexa. Por isso mesmo, as discussões sobre o Bem viver, termo em construção são extremamente enriquecedoras. O bem viver revela os erros e as limitações das diversas teorias do chamado desenvolvimento. Critica a própria ideia de desenvolvimento, transformada em uma entelúquia que rege a vida de grande parte da humanidade. (ACOSTA, 2016, p. 36).

Assim, o bem viver é um comportamento que nasce da observação dos grupos marginalizados pela história, principalmente os indígenas, “é uma oportunidade ‘para construir outros tipos de sociedades, sustentadas sobre uma convivência harmoniosa entre os seres humanos consigo mesmos e com a Natureza, a partir do reconheci

Por fim, se de um lado Byung-Chul Han afirma que “o silêncio deixa escutar. Ele vem acompanhado de uma sensibilidade particular, de uma atenção profunda, contemplativa” (HAN, 2021, p. 63), Leonardo Boff, de outro, assegura que “a surdez nos dará amargas lições” (BOFF, 2016, p. 63). É preciso saber escutar, o grito da Terra e o grito dos pobres, excluídos e marginalizados, mas para isso é preciso um exercício de atenção e contemplação, um parar, um desacelerar, que “liberte-nos do paradigma tecnocrático e consumista que sufoca a natureza e nos deixa sem uma existência verdadeiramente digna” (QA 46).

## CONCLUSÃO

Diante do que foi apresentado, tomando por base o pensamento do Papa Francisco, expresso na *Laudato Si*, na *Querida Amazônia* e nas mensagens anuais para o Dia Mundial de Cuidado com a Criação, também o pensamento do Patriarca Bartolomeu em suas mensagens e dos diversos outros autores, em especial Ailton Krenak, Byung-Chul Han e Malcom Fernand, percebe-se são que muitos os que se preocupam com a situação atual do Planeta.

A preocupação com a Casa Comum é um ponto de união e disso nasce a possibilidade de diálogo entre os diversos saberes. Francisco dialoga com muitos autores e seu pensamento não fica isolado ou suspenso no ar, sua contribuição sobre o cuidado com a criação converge com o pensamento e as ideias de vários autores, principalmente no que diz respeito ao que o papa chama de “Ecologia Integral”, ou seja, o cuidado de ter uma abordagem que se preocupe e englobe o social.

O cuidado com a Criação tem sido uma inquietação comum entre o trono católico e o ortodoxo. Papa e Patriarca Ecumênico se movimentam e se expressam cada vez mais no anúncio da necessidade de cuidado com a Casa Comum e da necessidade de frear os abusos cometidos contra ela, bem como a mudança de consciência, passando da exploração a uma convivência saudável e responsável, na certeza de que tudo está interligado. Nesse sentido, a abordagem e a preocupação ecológica do Magistério, além de se inserirem na Doutrina Social da Igreja facilitam o diálogo ecumênico e também o diálogo interreligioso.

Vale lembrar que Francisco se inspira na Igreja Oriental e recebe contribuições de Bartolomeu para escrever a *Laudato Si*. O Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, celebrado todo dia 01 de setembro pela Igreja Católica, já era celebrado pela Igreja Ortodoxa desde 1989. Agora essa é uma data comum para os cristãos, pois do dia 01 de setembro até 04 de outubro, memória de Francisco de Assis, celebra-se o Tempo da Criação, no qual se reflete e reza sobre a nossa relação com a Casa Comum.

O presente trabalho verificou as preocupações de diversos autores e tradições sobre a degradação e a exploração da Casa Comum, bem como constatou a proximidade entre seus pensamentos e a certeza da necessidade de cuidar e respeitar o Planeta e passar de uma mentalidade utilitarista para uma consciência que preserve e respeite os diferentes seres. Assim, a reflexão sobre a Casa Comum e os rumos que se devem tomar para preservá-la e para proteger a vida de todos os seres insere-se numa pauta comum aos diversos grupos e povos, nas diversas tradições religiosas e áreas do saber. Deste modo, o cuidado com a

Criação tem sido um ponto de unidade que possibilita o diálogo e que é fruto da compreensão de que “tudo está interligado”.

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Editora Elefante e Autonomia Literária, 2016.
- AMAZÔNIA: NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL. Assembleia Especial para a região Pan-Amazônica. **DOCUMENTO FINAL**. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- AMAZÔNIA: NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL. *INSTRUMENTUM LABORIS*. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2016.
- BOFF, Leonardo. **A Terra na palma da mão**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.
- BOFF, Leonardo. **Ética e Espiritualidade: Como cuidar da casa Comum**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.
- BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: O que é – O que não é**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.
- BOFF, Leonardo; MOLTSMANN, Jürgen. **Há esperança para a criação ameaçada?** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.
- BRIGUENTI, A. e RASCHIETTI, S. (2022). **O Sínodo para a Amazônia em perspectiva decolonial**. *Revista Eclesiástica Brasileira*, 82(321), 66–91. Disponível em: <https://doi.org/10.29386/reb.v82i321.3936>. Acesso em 22 de agosto de 2022.
- CARTA DO PAPA FRANCISCO POR OCASIÃO DA INSTITUIÇÃO DO "DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELO CUIDADO DA CRIAÇÃO". Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papafrancesco\\_20150806\\_lettera-giornata-cura-creato.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papafrancesco_20150806_lettera-giornata-cura-creato.html). Acesso em 16 de agosto de 2022.
- DEPOIS DO FIM. SECCHES, Fabiane (org.). **Conversas sobre o antropoceno**. São Paulo: Editora Instantes, 2022.
- ENCÍCLIA PATRIARCAL (01 de setembro de 2012). Disponível em: <https://ecclesia.org.br/wp-content/uploads/2022/03/2012-inicio-ano-ecclesiastico.pdf>. Acesso em 13 de fevereiro de 2023.
- ENCÍCLIA PATRIARCAL (01 de setembro de 2019). Disponível em: <https://ecclesia.org.br/wp-content/uploads/2020/09/2019-indiccao.pdf>. Acesso em 13 de fevereiro de 2023.
- ENCÍCLIA PATRIARCAL (01 de setembro de 2020). Disponível em: <https://ecclesia.org.br/wp-content/uploads/2020/09/2020-inicio-do-ano-ecclesiastico.pdf>. Acesso em 13 de fevereiro de 2023.

ENCÍCLIA PATRIARCAL (01 de setembro de 2021). Disponível em: <https://ecclesia.org.br/wp-content/uploads/2023/01/2021-inicio-ano-ecclesiastico.pdf>. Acesso em 13 de fevereiro de 2023.

ENCÍCLIA PATRIARCAL (01 de setembro de 2022). Disponível em: <https://ecclesia.org.br/wp-content/uploads/2023/01/2022-inicio-ano-ecclesiastico2.pdf>. Acesso em 13 de fevereiro de 2023.

Encíclica de S. S. Bartolomeu, Patriarca Ecumênico de Constantinopla, por ocasião do Ano Novo Eclesiástico, a respeito da preservação do Meio Ambiente (1 de setembro de 2004). Disponível em: <https://ecclesia.org.br/wp-content/uploads/2020/09/2004-inicio-ano-ecclesiastico.pdf>. Acesso em 13 de fevereiro de 2023.

FRANCISCO. **Laudato Si', sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulinas, 2015.

GREENZER, M e GROSS. (2019). **Leis deuterônicas favoráveis à preservação da fauna e flora**. Revista Pistis & Práxis: Teologia e Pastoral, v. 11, n 3, set./dez. 2019, p. 778-791

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: Digitalização e a crise da democracia**. Tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Louvor à Terra: uma viagem ao jardim**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Não-coisas: reviravoltas do mundo da vida**. Tradução de Rafael Rodrigues Garcia. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Vita Contemplativa: ou sobre a inatividade**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023.

HANH, Thich Nhat. **Zen e a arte de salvar o planeta**. Tradução de Maria Goretti Rocha de Oliveira. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023.

JOSAPHAT, C. **A mística da terra**. Revista de Cultura Teológica, 16, ano IV, Jul/Set 1996, p. 19-36.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Organização de Rita Carelli. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. Organização de Rita Carelli. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2022

LATOURE, Bruno. **Diante da Gaia: oito conferências sobre a natureza e o antropoceno.** Tradução de Maryalua Meyer. São Paulo: UBU Editora, 2020.

LATOURE, Bruno; SCHULTZ, Nikolaj. **Memorando sobre a nova classe ecológica.** Tradução de Mônica Stahel. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023.

MENSAGEM ASSINADA EM CONJUNTO PELO PAPA FRANCISCO, O PATRIARCA ECUMÊNICO BARTOLOMEU E O ARCEBISPO DE CANTUÁRIA JUSTIN WELBY PARA A PROTEÇÃO DA CRIAÇÃO. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pontmessages/2021/documents/20210901-messaggio-protezionedelcreato.html>. Acesso em 16 de setembro de 2022.

MENSAGEM CONJUNTA DO PAPA FRANCISCO E DO PATRIARCA ECUMÊNICO BARTOLOMEU NO DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELA CRIAÇÃO. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pontmessages/2017/documents/papa-francesco\\_20170901\\_messaggio-giornata-cura-creato.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pontmessages/2017/documents/papa-francesco_20170901_messaggio-giornata-cura-creato.html). Acesso em 16 de setembro de 2022.

Mensagem de S. S. Bartolomeu, no Dia Mundial do Meio Ambiente (5 de junho de 2010). Disponível em: <https://ecclesia.org.br/wp-content/uploads/2020/09/2010-dia-mundial-meio-ambiente.pdf>. Acesso em 25 de fevereiro de 2023.

Mensagem de Sua Santidade BARTOLOMEU, no “Dia Mundial de Proteção do Meio Ambiente” (05 de junho de 2008). Disponível em: <https://ecclesia.org.br/wpcontent/uploads/2020/09/2008-dia-meio-ambiente.pdf> Acesso em 25 de fevereiro de 2023.

Mensagem de Sua Santidade BARTOLOMEU, Patriarca Ecumênico, para o Início do Ano Novo Eclesiástico “Dia Mundial de Proteção do Meio Ambiente” (01 de setembro de 2008). Disponível em: <https://ecclesia.org.br/wp-content/uploads/2020/09/2008-inicio-ano-ecclesiastico.pdf>. Acesso em 25 de fevereiro de 2023.

Mensagem de Sua Santidade BARTOLOMEU, Patriarca Ecumênico, Para o Dia Mundial de Proteção ao Meio Ambiente (01 de setembro de 2009). Disponível em: <https://ecclesia.org.br/wp-content/uploads/2020/09/2009-inicio-ano-ecclesiastico.pdf>. Acesso em 25 de fevereiro de 2023.

Mensagem de Sua Santidade o Patriarca Ecumênico BARTOLOMEU I, no Dia Mundial do MEIO AMBIENTE (5 de junho de 2009). Disponível em: <https://ecclesia.org.br/wp-content/uploads/2020/09/2009-dia-do-meio-ambiente.pdf>. Acesso em 26 de fevereiro de 2023.

Mensagem de Sua Santidade o Patriarca Ecumênico BARTOLOMEU I, para o Início do Ano Novo Eclesiástico, Dia de Oração para a proteção do Meio Ambiente (01 de setembro de 2010). Disponível em: <https://ecclesia.org.br/wp-content/uploads/2020/09/2010-inicio-ano-ecclesiastico.pdf>. Acesso em 26 de fevereiro de 2023.

Mensagem de Sua Santidade o Patriarca Ecumênico BARTOLOMEU I, para o Início do Ano Novo Eclesiástico, Dia de Oração para a proteção do Meio Ambiente (01 de setembro de 2014). Disponível em: <https://ecclesia.org.br/wp-content/uploads/2023/01/2014-inicio-ano-ecclesiastico.pdf>. Acesso em 26 de fevereiro de 2023.

Mensagem de Sua Santidade o Patriarca Ecumênico BARTOLOMEU I, para o Início do Ano Novo Eclesiástico, Dia de Oração para a proteção do Meio Ambiente (01 de setembro de 2016). Disponível em: <https://ecclesia.org.br/wp-content/uploads/2020/09/2016-inicio-ano-ecclesiastico.pdf>. Acesso em 26 de fevereiro de 2023.

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA FRANCISCO PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELO CUIDADO DA CRIAÇÃO. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pontmessages/2016/documents/papa-francesco\\_20160901\\_messaggio-giornata-cura-creato.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pontmessages/2016/documents/papa-francesco_20160901_messaggio-giornata-cura-creato.html). Acesso em 26 de setembro de 2022.

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA FRANCISCO PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELO CUIDADO DA CRIAÇÃO. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pontmessages/2018/documents/papa-francesco\\_20180901\\_messaggio-giornata-cura-creato.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pontmessages/2018/documents/papa-francesco_20180901_messaggio-giornata-cura-creato.html). Acesso em 26 de setembro de 2022.

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA FRANCISCO PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELO CUIDADO DA CRIAÇÃO. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pontmessages/2019/documents/papa-francesco\\_20190901\\_messaggio-giornata-cura-creato.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pontmessages/2019/documents/papa-francesco_20190901_messaggio-giornata-cura-creato.html). Acesso em 26 de setembro de 2022.

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA FRANCISCO PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELO CUIDADO DA CRIAÇÃO. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pontmessages/2020/documents/papa-francesco\\_20200901\\_messaggio-giornata-cura-creato.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pontmessages/2020/documents/papa-francesco_20200901_messaggio-giornata-cura-creato.html). Acesso em 26 de setembro de 2022.

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA FRANCISCO PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELO CUIDADO DA CRIAÇÃO. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pontmessages/2022/documents/20220716-messaggio-giornata-curacreato.html>. Acesso em 26 de setembro de 2022.

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA FRANCISCO PARA A CELEBRAÇÃO DO DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELO CUIDADO DA CRIAÇÃO. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pontmessages/2023/documents/20230513-messaggio-giornata-curacreato.html>. Acesso em 05 de maio de 2023.

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O 59º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/20220508-messaggio-59-gm-vocazioni.html>. Acesso em 05 de maio de 2023.

PAPA FRANCISCO. **QUERIDA AMAZÔNIA**: Ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Paulus, 2020.

PAPA FRANCISCO. **LAUDATO SI'**: Sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

SANTA MISSA IMPOSIÇÃO DO PÁLIO E ENTREGA DO ANEL DO PESCADOR PARA O INÍCIO DO MINISTÉRIO PETRINO DO BISPO DE ROMA. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papafrancesco\\_20130319\\_omelia-inizio-pontificato.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papafrancesco_20130319_omelia-inizio-pontificato.html). Acesso em 14 de agosto de 2022.

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO AO CHILE E PERU. ENCONTRO COM A POPULAÇÃO. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papafrancesco\\_20180119\\_peru-puertomaltonado-popolazione.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papafrancesco_20180119_peru-puertomaltonado-popolazione.html). Acesso em 15 de agosto de 2022.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **A ecologia decolonial**. Folha de São Paulo, São Paulo, ano 103, nº 34.332, 2 de abril de 2023. Ilustríssima, p. C3.

WEIL, Simone. **Pensamentos desordenados sobre o amor de Deus**. Tradução de Karin Andrea de Guise. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2020.

WOLFF, E. e MATIELLO, ST. (2020). **Espiritualidade Ecológica para a humanização da “Casa Comum” – Aproximações a partir do cap. VI da Laudato Si**. Revista de Cultura Teológica, 96, ano XXVIII, Maio-Ago 2020, p. 14-38.

ZIZIOULAS, Ioannis. **A Criação como Eucaristia: proposta teológica ao problema da ecologia**. Tradução de José Artulino Besen. São Paulo: Editora Mundo e Missão, 2001.